JUNHO 1968

O BISTURI

ANO XXXIII
N.o 122

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"

A invasão do bloco G

Afinal o que querem os invasores?
Porque o Bloco G foi invadido?
Qual a razão da demora da entrega dos apartamentos do conjunto residencial da Cidade Universitária?
As respostas a todas perguntas você encontrará na pág. 3.

PINTURA:

História e técnica em dois artigos sobre arte moderna e classica. Conheça um pouco de Bizantino e penetre no campo da "pintura louca" nas págs. 10 e 11.

CANANEIA:

O D.P.M.S. esteve, na Semana Santa, no Litoral Paulista fazendo um levantamento da região. Veja parte do Brasil no artigo da pag. 5.

MANIFESTO

A integra do manifesto de 40 padres e pastôres declarado na sede do JOC no dia 20 de Maio.

Os padres não gostaram do 1.o de maio mas ninguém publicou-lhes totalmente o manifesto. Veja a revolta do clero e a opinião de D. Helder na pág.13

SUMÁRIO

Editorial	2	Poesia & Prosa	7
Momento	2	A industria automobilistica Nacional	8,9
Crônica e Aguda	4	A nova Igreja	13
A vitória de Curitiba ..	3	Crônicas	12
Caoc	4	Pauli x Med ..	16

TRANSPLANTE:

E. Jesus Zerbini fez o milagre nacional contrapondo-se a quem dizia que Santo de Casa Não Faz Milagres. Todos ficaram contentes? Sim! Porém, até certo ponto. E é até êste ponto que o artigo da pag. 6 chegou.

DEPOSIÇÃO:

O diretor do Bisturi foi deposto pela Congregação de Alunos por contrariar a posição oficial do CAOC e expõe sua opinião na pag. 15.

OPERAÇAO RONDON:

A Operação Rondon se avizinha. Em julho, teremos mais uma realização desse projeto, debatido e causador de grandes controvérsias. Uma das opiniões está expressa na pag. 14.

momento

Prólogo:
("Nós salvamos um punhado de vidas americanas. Os marines têm muita confiança em nós. Êles sabem que apanhamos os vietcongues antes que os vietcongues nos apanhe". O soldado Martin Smith, de 20 anos, cumpre a sua missão com uma ponta não dissimulada de orgulho").

Ato Unico
Personagens: o povo
Público: o povo

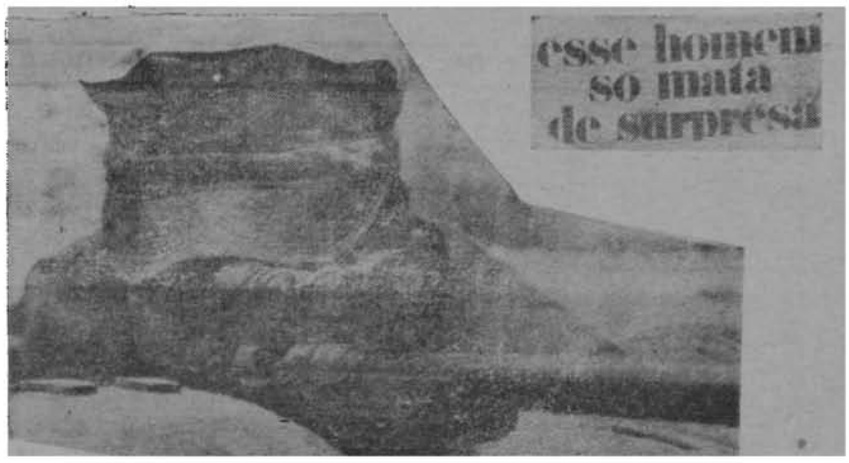
... e sentado no alto, o mundo observa o rapaz brincando de morte enlevado em seus sonhos de bang-bang, atirando com sua arma que êle sabe, não é de brinquedo.

Sádico, o mundo olha complacente para a fita e não se cansa: "neste cinema" não se repete a cena, só os conceitos, entretanto... que valem os conceitos para quem não tem preconceitos.. Ah! perdão. Esqueci-me dos pessoais.

E, matando, Smith, salva a vida de seus companheiros afinal êles nada têm a ver com a guerra, nem os outros, mas Smith está seguindo seu texto, interpretando o papel que lhe deram e se o fizer bem, quem sabe, ganhe um "oscar", neste caso uma medalha.

Eu também riria ou pelo menos vibraria com a fita (quem não gosta de emoções violentas — ninguem torce pelo "bandido"), pena não ser fantasia.

AKAMATU



EDITORIAL

UM ASPECTO

Ao que tudo indica, o mundo encontra-se em fase preparatória para grandes transformações da sociedade (não podemos ter certeza de que as convulsões multiplas atuais, desencadeadas principalmente por estudantes, sejam sintomas de um processo revolucionário já em andamento).

Observamos em tôda essa revolta, o início da falência do espírito burguês, do humanismo burguês, e suas consequências de ordem social, moral e religiosa. Os tão decantados progressos da Revolução Comercial, a livre iniciativa, o espírito de concorrência e a divinização do capital, que formaram a base social, para o aparecimento da filosofia humanistica, esbarram hoje em suas consequências.

Com a Revolução Industrial e o aparecimento de uma nova classe social — a classe operária, — que embora possuindo nível cultural proximo ao do camponês ocupa situação ecológica profundamente diversa, em convívio mais direto com as classes detentoras do capital, evidenciou-se em área relativamente restrita, os grandes contrastes nas condições de vida da população urbana.

A partir desses fatores, houve a constituição de uma classe de fato, que de um recuo contínuo frente as exigências do lucro empresarial que lhe presiona com salarios e condições de vida cada vez mais inferiores, passou a se organizar na luta pela transformação da estrutura capitalista adversa.

Não é admissivel, sob nenhum aspecto, a permanência de uma sociedade que promove, por sua própria finalidade, e de maneira progressiva o desnivel econômico entre as classes que realmente produzem e a que detem o capital, se observamos que às primeiras estaria preconizado um crescimento populacional ilimitado enquanto a última tende a esvaziar-se relativamente.

Se observarmos, por outro lado, a importancia do meio na formação da personalidade chegaremos ao amago da filosofia humanística: a sua origem burguesa. E notamos que, nestas condições, mesmo o revolucionário respira a atmosfera burguesa, e dificilmente consegue livrar-se de sua influência.

O importante é que começamos a notar a ruina das estruturas da sociedade capitalista pela sua infra estrutura, depois de um longo período, quando foi proclamada muitas vezes, pelas belas letras, a grande conquista do homem.

CRONICA E AGUDA

Em tôrno da pequena mesa do bar os três homens descobriam erros.

Imensas tragadas no cigarro acompanhadas de decisivas talagadas de álcool aliviavam as mentes exploradoras.

Poucos segundos após o início das elucubrações, uma chama de felicidade surge no rosto de um dêles. Nada possuía de bandeirante: um terno surrado, um rosto de insônia sulcado por ictérico sorriso latente, enquadrando os poucos dentes que heróicos sobreviveram na dura jornada da vida.

— Um fuzil, um fuzil na mão da criança. E', isso mesmo, um fuzil, isto não devia estar aí.

A frase trouxe-me à cabeça Vietnam. As palavras embriagadas emolduraram todo o quadro bélico: uma criança mal suportando um adulto fuzil, como uma minúscula formiga transportando uma incomensurável fôlha. Pode-se achar a comparação ridícula e absurda, mas no momento surgiu-me clara e coerente.

Mas ânimo, afinal o homem do rosto boêmio em um bar de esquina, observara e dissera em alto som: "um fuzil na mão da criança, isto não devia estar lá"!

Um certo período de silêncio seguiu-se à euforia da primeira conquista, e logo um segundo rosto ilumina-se e uma voz enfastiada de realização estoura no pequeno bar:

— Olha, aquêle ali deveria estar dentro da escola como aquela turma!...

A sibilante voz do redondo homúnculo de óculos de tartaruga a envolver dois olhos profundos atingiu-me de modo tão agudo que minha imaginação fugidia novamente edificou a cena, e meus sentimentos brotaram em um mosaico de ódio e auto-indignação'

Esperança, pois os olhos do limitado homem saíram de seu abismo para impor: "êle deveria estar na escola..."

Longo silêncio seguiu-se à segunda descoberta, os olhos debruçaram-se fixos sôbre a mesa, e as pálpebras envergavam-se ao próprio pêso, quando o esquálido terceiro personagem emergiu de dentro de seu microscópico interior e vangloriou-se no nôvo aspecto a demonstrar:

— Aquela panela, deveria estar cheia de comida, e ela está vazia, certo?

Certo, mas meu pensamento absteve-se de imagens e discussões, tôdas as dialéticas e críticas acanharam-se frente a rigidez e invulnerabilidade aparente do fato então inatingível na minha cômoda e censurável situação.

Mas havia um lampejo, o corpo consumido e exangue levantara-se para mostrar: — "a panela deveria estar cheia..."

Comecei a inquietar-me com o profundo silêncio que abarcou as três figuras que soturnas debatiam. Restava um êrro, talvez, o supremo êrro que resolveria a noite e amenizaria os espíritos conturbados dos três espectros pensantes. ?

Quando decidido, resolvi auxiliar-lhes na determinação do dilema indefinido, veio o inevitável.

— Desisto — conformou-se o homem das gengivas nuas.

— E', está difícil — ratificou o adiposo companheiro.

— Bem, eu também desisto — definiu-se a subdesenvolvida terceira figura.

No reconhecimento da incapacidade, viraram a fôlha do jornal de cabeça para baixo e constataram: — a quarta diferença era o chapéu menor na cabeça do menino com o fuzil inconveniente.

Com um amargo sorriso inconformado de derrota, pagaram a conta, dobraram o jornal e desapareceram na esquina apagada na noite.

Pode-se achar a generalização ridícula e absurda, mas no momento surgiu-me clara e coerente.

gerson reichar

APÓS A INVASÃO

Trechos de uma publicação de 29 de maio de1968 da Coordenação Geral do Movimento de Candidatos ao CRUSP e da Associação de Universitarios "Rapael Kauan" — AURK.

"O movimento de candidatos ao CRUSP obteve vitória parcial. A tomada do bloco G, colocando o movimento na ofensiva, levou as autoridades a uma definição. Resolveram admitir TODOS OS CANDIDATOS, com a legalização dêstes no bloco G, enquanto não se soluciona o preço para os pós-graduandos dos quais pretendia-se cobrar NCr$ 260,00 po mês por apartamento, no bloco G. A divulgação e inscrição dos candidatos será realizada pela AURK.

..."As autoridades só tomam resoluções a respeito de nossas reinvindicações quando se vêem forçadas por uma situação de fato".

..."Isso se manifesta no CRUSP quando as autoridades pretendem transformar o ISSU em órgão auto-suficiente, não abrindo mão do preço de NCr$260,00 para os pós-graduandos, pois êsse preço permite aumentar a renda industrial do ISSU, não construindo mais blocos."

A INVASÃO DO BLOCO G

O Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) foi planejado para entregar aos alunos da Universidade 12 blocos residenciais que seriam administrados pelo Instituto do Serviço Social da Universidade (ISSU). Estão prontos e ocupados 6 blocos (A até F), sendo que no bloco F residem pós-graduandos. Neste ano foi concluido o bloco G.

Onde se inicia a invasão do G?

Havia neste ano 600 candidatos ao CRUSP para 300 vagas. O bloco G estava construido há dois meses, e não havia resposta do ISSU no sentido de colocação dos candidatos, pois esta instituição resolvera que os residentes do bloco F, que pagavam NCr$ 36,00 ou NCr$ 53,00 (sem critério), passassem para o novo predio pagando NCr$ 86,00 (somente pela moradia, excluindo a alimentação). A alegação para a nova taxa era de que ela serviria para fornecer Renda Industrial ao ISSU.

E' a inversão da finalidade a que o ISSU se propõe; de organismo destinado a proporcionar melhores condições de residencia e saude, ampliando a oportunidade da população cursar a Universidade, procura ser sustentado pelos estudantes.

A essa proposta do ISSU os colegas do bloco F reuniram-se em assembléia, e baseados em levantamento da sua situação economica, resolveram rejeitá-la, decidindo pagar NCr$ 38.00 mensais. (10% do valor medio das bolsas de estudo).

Com essa situação criada, o bloco G ficou cerca de dois meses não habitado, enquanto se aguardava a solução do problema de mensalidade dos pós-graduandos. Os colegas que aguardavam vagas, uma vez percorridos os processos legais de reivindicações, resolveram, em assembléia, pela invasão do bloco G.

Verificou-se o que é comum na historia do CRUSP: de um lado os estudantes, na ofensiva, pleiteando e obtendo as suas reivindicações necessarias; do outro lado a Reitoria boicotando o Conjunto Residencial. Assim foi em 1963, quando houve a invasão dos blocos já construidos e não entregues (apesar de já terem sido cedidos aos Jogos Panamericanos). Vimos em 1967 a invasão do bloco F pelos excedentes. Em 1966, para dar lugar a uma futura avenida (que ainda não foi construida), a Reitoria demoliu um dos blocos do conjunto, já em fase de construção. Dentro desse espirito de reivindicações, o bloco G foi invadido, para dar morada a estudantes.

Por que o governo não resolve um problema que ele tem condições para resolver, como este do Conjunto Residencial, se observamos gastos enormes na construção de quarteis, Assembléias Legislativas luxuosissimas, etc? Porque ele sabe que determinados setores da sociedade — como é o caso da Universidade — à medida em que se associam e se voltam para estudar os grandes problemas sociais brasileiros — desnutrição, analfabetimo, doenças — passarão a exigir a solução dos mesmos, o que não se verifica nesta estrutura social. Por exemplo, se o nosso curso de Medicina se voltasse mais para a formação social do estudante êste observaria, com rigor, a desproporção existente entre o grande potencial médico-científico desenvolvido (técnica de cirurgias, transplantes, laboratórios, antibióticos etc.) e a grande parcela da população que se vê privada de aproveitar êsses avanços.

Não permitindo que o Conjunto Residencial seja totalmente construído e prontamente habitado o govêrno não está realizando uma maldade, mas atendendo suas necessidades políticas, dificultando a criação de setores da sociedade que passariam a exigir a solução completa dos problemas sociais.

E essa investida contra a CRUSP é mais um aspecto da política educacional no país, onde, para a solução da crise universitária o govêrno lança mão da transformação da Universidade em fundações particulares, intensificando assim a seleção enconômica, forjando condições para que a Universidade se torne cada vez mais desligada dos problemas que interessam à maioria da população.

JULIO

curitiba

Os três lances dramáticos de Curitiba

1.o Lance: O drama.

O govêrno tentou novamente a implantação do acôrdo Mec-Usaid, para uma gradativa transformação da Universidade em fundação e pelo ensino pago.

Desta vez, em Curitiba, criara-se um curso noturno especial onde seriam cobradas anuidades. Entretanto, M. E. paranaense mobilizou-se e conseguiu impedir a realização dos exames vestibulares. O drama prosseguiu. Nova data para exames, novos protestos e novo boicote.

Reconhecendo a impossibilidade de serem efetuados, normalmente, os exames, o Reitor recorreu à cavalaria da PM para que esta garantisse a efetivação das provas.

A PM isolou o prédio onde seriam realizados os exames permitindo apenas o ingresso dos candidatos. Os estudantes cercaram a entrada, bloqueando as vias de acesso. A luta dava seus primeiros passos, indo, sòmente começar, com a investida da cavalaria.

2.o Lance: a aventura

Estava instaurada a batalha urbana com aproximadamente 500 estudantes contra 1.500 milicianos. De um lado, foguetes, paus e pedras. Do outro, bombas e cassetetes. A luta encarniçada, com centenas de feridos prosseguiu até o meio dia.

Dois dias depois, crescera o número de estudantes que em verdadeira blitz, inteligentemente organizada e muito bem realizada, os universitários divididos em dois blocos cercaram e aprisionaram Flávio Suplicy Lacerda no prédio da reitoria, enganando os policiais.

Agora, de posse de um nôvo trunfo os líderes estudantis anunciaram as conversações para o atendimento de seus desejos. E o govêrno se rendeu frente as exigências estudantis. Pactuando em plena rua, as autoridades governamentais cederam, aceitando a revogação das matriculas até que se conseguisse a gratuidade do ensino. As tropas também foram retiradas e nenhum estudante foi molestado. Era a vitória parcial e alegria reinava no seio estudantil. Mais tarde seria retirada a cobrança de anuidades, antes porém, houve a comédia do Sr. Tarso Dutra.

3.o lance a comédia

Farsa? Demência? Comédia?

Ninguém conseguia classificar a atitude do ministro Tarso Dutra. As opiniões variavam, mas a reação inicial era idêntica: o riso e gargalhada.

"Êste é um govêrno democrático que não obriga ninguém a estudar.' "Estuda quem quer, e se quiser que pague. O rico quer estudar e paga para isso, ninguém obriga o pobre ao mesmo".

Todos pasmaram ante o cinismo do Ministro que continua frio e impassível descarregando um amontoado de asneiras que, muito sutilmente, encobria a verdade importante:

— **a derrota do govêrno**

— **a falta de argumentos fundamentados para a criação da Universidade paga.**

akamatu

PRESTAÇÃO DE CONTAS

O CAOC ao fim da gestão anterior devia aproximadamente NCr$ 1.500.00. dinheiro restante de compromissos assumidos em 1967. Além disso faltava o 13.o salario aos funcionarios num total de NCr$ 875,00. O restaurante estava com um superavit de NCr$ 1.200,00.

Nos ultimos 15 dias de dezembro e nos 2 primeiros meses do ano, a atuação da diretoria resumiu-se no levantamento de problemas (verbas "encalhadas" dividas antigas, tentativa de reorganização da tesouraria e secretaria que estavam bastante confusas, etc.) e no pagamento parcial dos credores. Este foi possivel com o superavit existente entre os gastos com funcionarios e o total dos alugueis (livrarias, banheiros, bar, Epoca) que foi de NCr$ 956 00, somando-se janeiro e fevereiro. Pudemos saldar todas as dividas somente em março quando começou a entrar dinheiro da anuidade dos socios.

Enumeraremos a seguir, num levantamento aproximado e em numeros redondos, o destino que estão tendo as anuidades dos socios do CAOC, os alugueis (até março, inclusive NCr$ 1.358,00/mês e a partir de abril de 1968, NCr$ 1.640,00) e a verba de NCr$ 15.000,00 liberada em meados de abril pelo CEAS (Conselho Estadual de Auxilios e Subvenções) e que estava doada desde 1965.

DESPESAS PAGAS ATE' 15 DE MAIO DE 1968

01.	dividas da gestão anterior	1.500,00
02.	Pintura de departamentos	550,00
03.	Departamento de Pesquisas Médico-Sociais	510,00
04.	Impostos e Condominio	400,00
05.	Departamento Cultural	200,00
06.	A.A.A.O.C.	500,00
07.	O Bisturi	300,00
08.	Consorcio da Perua Wolks	700,00
09.	Taxa anual da UNEM	125,00
10.	Taxa anual do D.C.E.	450,00
11.	Taxa da UNE	270,00
12.	Tapeceiro (serviços na Discoteca)	390,00
13.	advogado	50,00
14.	Carpinteiro	85,00
15.	Registro e acerto de atrasados com Roberto Socré (8 anos de serviços no CAOC)	1.000,00
16.	Manutenção (impressos, cartazes material de limpeza, desinfetantes, lampadas, telegramas, cartas condução, inumeros consertos, etc	1.000,00
17.	Telemusic	140,00
18.	13.o salario de 1967 + ordenados dos funcionarios em 1968	4.730,00
19.	Anuidade dos socios (verba c/ D.F.)	1.000,00
	TOTAL	13.900,00

Recebemos até 15 de maio de 1968:

01.	Alugueis (livrarias, abr barbeiros, Época, Casa da Gal. Jardim, em 1968, incluindo dezembro de 1967	5.750,00
02.	Anuidade de veteranos	5.300,00
03.	Anuidade de Calouros	4.200,00
04.	Parte do total de venda da Perua	500,00
		15.750,00
	Temos em caixa	1.850,00
	Distribuição de verbas: Dep. Cultural + Centro de Debates + GTM + Biblioteca + Discoteca	3.800,00
	Dep. Cientifico	3.000,00
	A.A.A.O.C	3.000,00
	Dep. de Pesquisas Médico Sociais	2.500,00
	O Bisturi	800,00
	Casa do Estudante	500.00
	Dep. de Publicações (a devolver mensalmente NCr$ 150,00)	1.000.00
	Dep. de Excursões (a devolver mensalmente NCr$ 150,00)	1.000,00
	Dep. Social (a devolver mensalmente NCr$ 150 00)	1.000,00
	Outros Departamentos	1.400,00

Lembramos ainda que contratamos uma secretaria e um contador que estão colocando em ordem a secretaria e a tesouraria, de fins de 1966 em diante, com uma despesa mensal de NCr$ 400,00 que teremos durante metade do ano.

Resta-nos pagar como despesas já previstas e de grande monta, até o fim do ano:

1) NCr$ 800,00 ao tapeceiro (poltronas que ficarão na sala do sono); 2) NCr$ 1.000,00 ao Socré (o restante do acerto efetuado); 3) NCr$ 1.120.00 ao Consorcio e 4) NCr$ 1.115,00 13.o salario aos funcionarios.

Ainda temos a receber anuidade de 200 veteranos e uma parcela de uns 50 num total de aproximadamente NCr$ 4 500,00. Daí a necessidade daqueles que não pagaram, ainda acertarem suas DIVIDAS.

O Restaurante está com as finanças em ordem, apesar de toda a renovação de mesas e cadeiras havida, da compra de bandejas, da nova bomboniere, etc. etc. O preço está NCr$ 0.30 inferior ao da Higiene para os não socios e NCr$ 0.50 para os socios. O numero de comensais ultrapassa 400 no almoço, sendo a maioria não socios. E' só prestigiar agora...

Resta, ainda, lembrarmos a tentativa de recebimento de outras verbas que estão entravadas por falta de documentação pelo CAOC ou por mera questão da burocracia do MEC, o pedido de reconhecimento de utilidade publica federal e o registro do CAOC nos varios departamentos governamentais de onde possa receber subvenção.

A DIRETORIA

Departamento Cientifico do CAOC

1) Será desenvolvido partir do dia 10 de junho CURSO SOBRE FISIOPATOLOGIA E TRATAMENTO DO CHOQUE.

2) Retirem no DC os exemplares da RM já publicados.

3) "Anamnese em Gastroenterologia" — ultimos exemplares à venda no DC

O DEPARTAMENTO CIENTIFICO LANÇA O PREMIO "OSWALDO CRUZ" DE 1968

POC

1968

NCr$ 1.000,00

AS INSCRIÇÕES JÁ ESTÃO ABERTAS
APRESENTE SEU TRABALHO ATÉ
1.o DE NOVEMBRO DE 1968
INFORMAÇÕES MAIS PORMENORIZADAS NO DEPTO. CIENTÍFICO

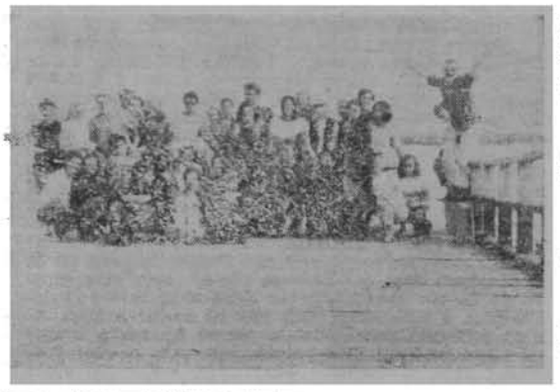
O Bisturi

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDAÇÃO: Av. Dr. Arnaldo, 453
Tel.: 52-1729 — S.P.
DIRETOR: Sergio René Akamatu
SECRETÁRIO: Sadao Takei
REDATORES: José Carlos Colucci
Osmar Rotta

A redação não se responsabiliza por artigos assinados

Trabalho de Campo Uma Necessidade



Entre 7 e 14 de abril foi programada pelo DPMS uma caravana de pesquisa médico-social à cidade de Cananéia, no litoral sul de São Paulo. Objetivava essa caravana:

1) dar a seus participantes uma visão da realidade nacional;

2) constatar a relação entre a doença, o agente etiológico e as codições sócio-econômicas;

3) promover maior entrosamento entre estudantes de escolas médicas e afins;

4) coletar dados sôbre a situação sócio-econômica relacionada às condições de saúde locais;

5) recolher fezes de uma amostra da população para verificação, em termos quantitativos, da incidência de verminoses;

6) recolher amostras de sangue para verificação de anemias (por meio de hematócrito);

7) fazer propaganda sanitária (com filmes e cartazes);

8) aplicar vacina anti-tetânica em gestantes com mais de quatro meses de gestação;

9) aplicar vacina tríplice em crianças até a idade de quatro anos.

PORQUE CANANÉIA

Cananéia retrata muito bem a situação do litoral sul de São Paulo. Tendo sua economia baseada na pesca, a cidade não apresenta desenvolvimento considerável, sendo sua população constituída de pescadores, comerciantes e alguns funcionários públicos. Existe na cidade um Entreposto Federal de Pesca, que está fechado, achando-se o pescador no mais completo abandono. Há dois tipos de pescadores, o autônomo e o assalariado. O pescador autônomo, bàsicamente sem recursos, pesca para o consumo próprio e da cidade, vendendo seu produto para os donos de "frigoríficos", que os revendem com lucros de 150 a 200%, sendo o sobre produto enviado para centros consumidores maiores, o que proporciona lucros maiores.

Essa é a situação que perdura em épocas boas (turistas na cidade e tempo bom), pois na época ruim o pescador simplesmente passa mais fome do que já está acostumado a passar.

O pescador assalariado trabalha para as companhias de pesca a trôco de um salário miserável, na época propícia, caso contrário não tem trabalho.

Não existe agricultura; o pescador e o turismo (em pequena escala) são as únicas fontes de renda, que vão parar nas mãos dos comerciantes (donos de frigoríficos e hotéis). Em síntese, tanto a renda da pesca como a do turismo reverte para o comerciante que a usa em proveito próprio, não favorecendo em nada a comunidade. Tanto o pescador autônomo como o assalariado, que trabalham e se arriscam muito mais do que o previsto na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) recebem uma compensação mínima de sua produção, que ainda assim permanece em sua quase totalidade nas mãos do intermediário, sendo patente a inversão de valores aí estabelecida.

QUEM FOI E COMO FOI FEITO O TRABALHO

A participação no trabalho foi estendida a todos os calouros interessados, e limitadas cinco vagas para cada escola convidada (Enfermagem, Obstetrícia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Santa Casa); também participaram veteranos.

O Trabalho contou com aproximadamente 50 colegas, que foram divididos em 6 grupos, cabendo a instrução de cada grupo a coordenadores do DPMS. Foi instalado um pôsto de vacinação na Santa Casa local (que se acha pràticamente abandonada), e após o mapeamento da cidade foi a mesma dividida em 5 zonas de trabalho. Cada grupo ficou responsável por uma zona, e um grupo pelo pôsto de vacinação; os grupos se revezaram proporcionando oportunidade a todos de trabalho e conhecimento, tanto com o trabalho de campo como o de vacinação.

O trabalho de campo constou da aplicação de questionário, propaganda da vacinação, distribuição (ao acaso) dos vidros para recolhimento de fezes e propaganda sanitária. Houve atuação na zona urbana, suburbana e parte da rural.

No pôsto foram aplicadas as vacinas e recolhidos os vidros de amostra para o exame de fezes; no cinema local foram exibidos dois filmes de propaganda sanitária; foram organizados debates sôbre a validade ou não de um trabalho assistencial e discutida a situação de saúde (bem-estar físico, mental e material) da população local.

CONTINUIDADE EM SÃO PAULO

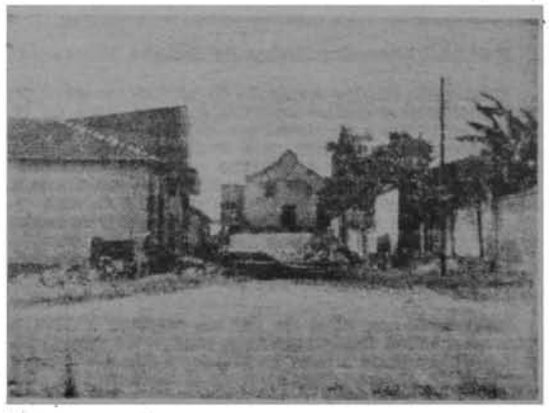
Em continuação à análise científica estão sendo tabuladas as informações da pesquisa aqui em São Paulo para uma visão técnica da situação. O resultado será discutido entre os participantes e posteriormente encaminhado à Secretaria de Saúde e entidades afins.

Dentro do esquema anteriormente proposto o DPMS conseguiu cumprir os seus intentos. Apenas foi impossível a obtenção dos hematócritos por falta de uma centrífuga adequada.

O DPMS, frente aos bons resultados obtidos, se propõe dar continuidade a seu trabalho, a fim de obter melhor entrosamento entre as diversas profissões médicas e a realidade brasileira.

Assim, está programada para o mês de julho uma nova viagem com os mesmos objetivos, bem como promover palestras sôbre os assuntos médicos sociais relacionados a atual situação brasileira.

Pelo DPMS: **Victor.**



Cananéia

No Proximo Número: Suplemento Especial Nova Revolução Francesa.

TRANSPLANTE

A nova gloria nacional; sua senhoria:

O transplante

O recente transplante levado a efeito pela equipe do HC que reuniu a 1.a CC, a 2.a CM, a Urologia, a Imunologia, etc. etc. num trabalho conjunto, revolucionou toda a nação e foi mais um feito neste novo campo da Medicina.

Revolucionou a nação, pois inúmeros setores se movimentaram em torno do fato, inúmeras declarações e das mais desencontradas foram feitas, inúmeras discussões foram levantadas.

Saindo do campo da análise profunda dos transplantes, o que envolveria inúmeros aspectos, éticos, morais, filósoficos, religiosos, médicos, técnicos, e até políticos e que realmente eu não poderia abordar, destacarei os aspectos pitorescos e porque não ridículos dos acontecimentos.

Inicialmente destacaremos a atuação do governador do Estado que serviu de médico repórter da equipe, para os reporteres informando, logo após a cirurgia que o paciente "não apresentava qualquer sinal de rejeição". E as declarações de S. Excia. em que afirmava ter sido informado cada 15 minutos pelo superintendente do HC do andamento da operação? Sem dúvida o apoio moral foi eficientissimo para que a equipe cirurgica se sentisse mais confiante quanto ao resultado final da operação! E a propaganda eleitoral absolutamente não foi sequer cogitada!

Outro que merece destaque e que, aliás, de há muito se tem sobressaido no PS é o "fellow". Há cerca de 1 mês ou mais deu discutidissima entrevista em certo programa de televisão, culminando agora com seu apoio incondicional à telenovela mostrando seu interesse pela divulgação cientifica e pelo incremento de teatro nos meios médicos.

Segue-se o destaque à imprensa que de todos os modos quis dar uma de "Brasil, pátria amada e idolatrada de encantos mil" procurando dar aos transplantes efetuados caráter de redenção nacional. Assim é que tentaremos achar no fato primazia mundial: "Se êste é o 17.o transplante iardiaco no mundo e o 21.o renal no HC, é a 1.a vez NO MUNDO em que se efetuam 2 transplante no MESMO tempo"

E o nosso pacato professor de cirurgia acabou virando santo: "Prof. Zerbini o sr. merece o nome de Jesus" "Jesus faz milagre" e assim por diante ...

E a tentativa sensacionalistica-mor? "Estudantes contra" manchete de "O" Jornal êste artigo obrigou-nos a declarações de desmentido que no fundo, no entanto, serviram para provocar debate sôbre o assunto.

E certa emissora de televisão que, em evidente golpe publicitário veio filmar uma cena de novela... Aproveitamos agora para lamentar a permissão dada para filmagem tanto por parte do HC e como da diretoria da FMUSP.

E os fatos grotescos poderiam ser contados às centenas.

E tudo isto desviou a atenção do público em geral dos imensos problemas médico-sanitários de nossa terra, da incidência catastrófica da verminose, da doença de Chagas, da esquistossomose. Deixou para muitos a visão absurda de que com o transplante a Medicina promete a imortalidade, esquecendo que no dia a dia brasileiro, sul-americano e mundial morrem milhares de pessoas por falta de uma vacina, por falta de orientação higiênica, por falta de recursos médicos primários. Deixou a visão de muitos encoberta, escondendo de seus olhos que os maiores problemas médicos são a fome, a desnutrição e a ignorância.

Assim resta-nos, além de dar os parabens a tôda a equipe responsável pelo transplante, pedir a ela que divulgue a importância do médico na prevenção das doenças e a demagogia do governo, que antes do transplante não deu apoio financeiro nenhum e que limita ao máximo a verba para o Ministério da Saúde, aproveitando o clima favorável para informações e com o feito dé apagar todos os aspectos negativos que surgiram com tantas e absurdas declarações.

FRANKLIN

O Brasil está fervilhando com o transplante realizado no HC. Realmente, foi um feito espetacular merecedor de todos os elogios. Boatos e especulações de jornais, afirmando que os alunos da FMUSP eram contra o transplante, são absurdos e simplesmente devem ser desprezados. E' impossível alguém ser contra um transplante, pelo simples fato de que é impossível não querer que se salve uma vida.

O que se questiona é outra coisa. Sabemos que o transplante não custou mais que qualquer outra operação cardíaca, rotineira, e portanto não somos contra o dinheiro empregado nêle. Ainda que o transplante fôsse mais caro, também não seríamos contra. Também não somos contra a aplicação de verbas em pesquisa para transplante. Somos é contra o fato de que sòmente certas áreas da Educação e Saúde recebem verbas.

Ninguém nega que o problema maior de saúde no Brasil não é transplante, pois embora já o tenhamos realizado, ainda existe em muito maior escala a verminose, Chagas e outras moléstias que têm incidência tão alta justamente porque não há o apôio governamental adequado para a profilaxia e a pesquisa nesses setores. E' ponto pacífico que na atual conjuntura brasileira é mais importante a Medicina Preventiva do que a Curativa; é mais importante acabar com as verminoses e erradicar o analfabetismo que fazer transplante.

A situção reflete-se ainda em outros setores. Dentro da nossa escola mesmo: fazemos transplante, mas na Fisiologia não há sapos para experiências; os alunos do 1.o ano precisam pagar NCr$ 50,00 para a Histologia e NCr$ 20,00 para a Bioquímica, pois não há verba; o Departamneto de Histologia está com deficiência de pessoal há muito tempo; a Microbiologia não tem material para pesquisarem, para ensino; ficamos 33 anos sem a cadeira de Medicina Preventiva, e a muito custo se conseguiu instalá-la. Agora o Prof. Guilherme é obrigado a nos pedir dinheiro pois não há verba para fazer apostilas; os microscópios de Anatomia têm 56 anos de idade.

E não pensem que é só aqui, pois a situação é geral. Botucatu ficou 6 meses em greve para conseguir equipamento do hospital, e até agora não conseguiu tudo.

Assim, não somos contra o transplante, mas exigimos do govêrno que não seja demagogo e não cuide apenas dessa área, só porque dá projeção social. Verba para transplante, mas para a Faculdade também. Verba para transplante, mas também e prioritariamente para outros campos médicos, que são problemas de maior importância atualmente no o Brasil.

VALDEMIR

La tarde más se obscurece
Em Higueras-necroterio jaz
a fantasia, a imagem, jaz
um homem (et orbe)
nascido Ernesto [illegible] "Che"
adubo metafisico
teu rastro levantou o pó
de 200 seculos
Maestra — Caparaó
Belem-Brasilia, ilha
cercada de lado por todas as aguas
canto teu canto, encanto e pranto
enquanto
guerra e fome houver para rimar, bala
houver para matar, vida
para optar
que fantasmas liricos alimentavam teu sono?
Donde hay una voluntad, hay un camino
que fumaça desprende tua barba paradigma
tua palavra — pigmento — viscoso — estigma
teu olhar periscopio — orbitario
Aponta ao obito teu dedo involuntario
Que ideias bestas doiam-lhe a fronte?
Por qué, si no sé ir, llegar espero?
jovem — super vai de "CHE"
ponha um Guevara no seu carro
A floresta te abraça, el corazón con que vivo
de America cativo — amor lenitivo
Guevara subversivo — amor primitivo
Pirilampo nomade, apaga tua luz inexaurivel, teu sonho
[inexequivel
secreta teu hormonio ilusorio, idolo
teu fuzil migratorio
no peito de general (mira)
na condecoração nacional
atira tua bala incondicional
A floresta te abraça, intruso
Cobra! emite alto teu silvo narcotizante
Folha! tua musica afônica
passaporte dissonante — unificante
para ser ouvida estereofonica
Norte — Sul — Leste — Oeste
pois semi-surdo é o Gigante
contra o qual investes
Qué gigantes? — dijo Sancho Panza
— Mire vuestra merced, que aquellos
que alli se parecem no son gigantes
sino molinos de viento
Los ojos de Mio Cid mucho llanto van llorando
(e uma de suas lagrimas é minha?)
Faces apaticas deixam janelas para te ver passar
braços secos tremem em tua direção
bocas vazias te saudam, estomagos gemem
cegos e paraliticos te seguem, multidão penitente
criança barriguda com mosca na testa
que louco és para escutares todas as vozes?
Mira a luz de frente
Y las sombras quedarám a tus espaldas
Foge Guevara! que tua cabeça é ouro
em Wall Street
Batman and Superman te perseguem
porque não se permitem heróis de nome
fora das estorias em quadrinhos
esqueça a criançada que chora
esqueça nossa fome
America, lejana y sola
Fênix! por que renasces?
Que ideal te perturba? que luz te cega?
Será por acaso nossa indiferença
teu combustivel?
ou nossos sonhos tuas verdades?
Yo voy soñando caminos
de la tarde Las colinas
de la tarde. Las colinas
doradas, los verdes pinos,
las polvorientas encinas
Cuidado Guevara! que tua floresta
é plantação de napalm
tua granada — namorada
é indefesa — paradoxal
ou nossos sonhos tuas verdades?
ao projetil que-vem-por-trás
implacavel — inevitavel
Ay que la muerte me espera,
antes de llegar a Cordoba!
que tuas folhas são bombas
tuas trilhas armadilhas
que tua sombra é passaro
que teu nomeé morte
y todo el campo un momento
se queda mudo y sombrio
La tarde más se obscurece
America, Lejana y sola
no sangue de tua boca
Bolivar murió pobre,
y dejó una familia de pueblos
Não percebes que os surrealistas arquitetaram
milhares de piadas com teus principios?
eu peito por escudo
teu ideal por devaneio
teu nome por marca registrada
Copyright America
America, lejana y sola

"O Capitão P[illegible]ado aproxima-se pelas suas costas e dispara uma rajada de metralhadora, decima para baixo. Quatro balas atingem seu alvo. O Coronel Selnich aproxima-se e dá-lhe um unico tiro com sua pistola de 9 milimetros. A bala atravessa-lhe o coração e o pulmão".

— Válame Dios!, dijo Sancho
No le dije yo a vuestra merced
que mirasse bien lo que hacia,
que no eram sino molinos de viento?

a. c. garcia

guevariana

etiamsi omnes,
ego non.

...e êle seguia só Contra a intempérie, arrojando-se no obscuro, era filha humana em meio ao nevoeiro que o cercava e o distinguia dos demais.

Atrás, muito atrás, ficaram os outros em variados estados de avanço, e la, tudo era côr, brilho, luz. Entretanto, reinava o deus Vazio e a lei Triste fazia valer a sua voz, o Silêncio

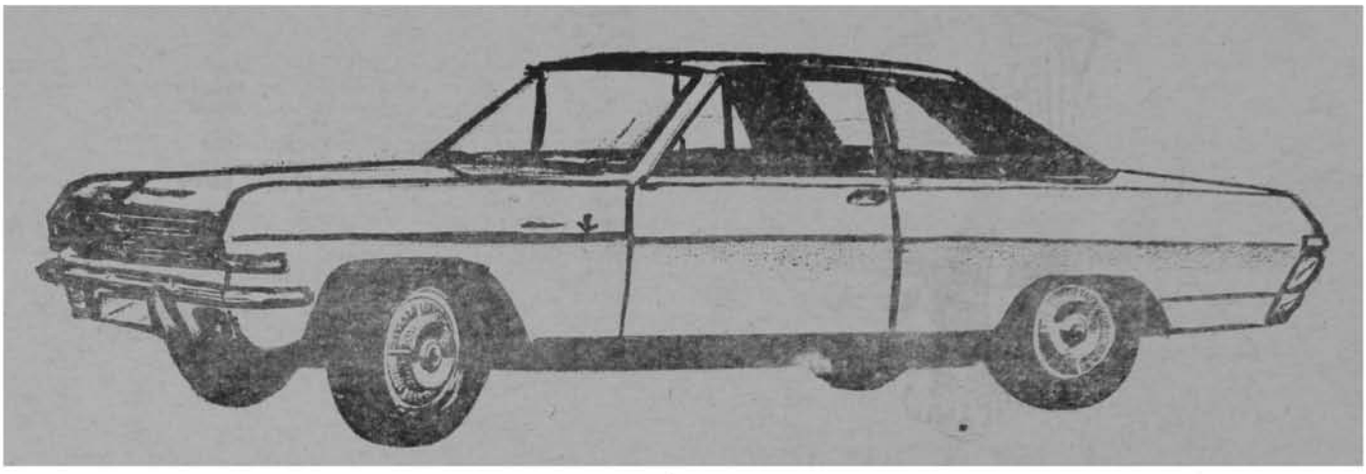
Ele e êles conheciam todos os fatos, não se contentavam com o estado de coisas porém, todos assentiram, êle não.

— Louco! Maníaco! Idiota! Imbecil! (êle) êles falavam e discutiam.

— Por que? Só você?! (ela)... se fossem mais... quase todos não...

— Etiamsi omnes, ego non

akamatu



OS NOVOS CARROS NACIONAIS

Algo de surpreendente, depois de 10 anos passados desde a sua implantação, ocorre nos meios automobilisticos do país: cêrca de três automóveis inteiramente novos, vão ser lançados: dois de fábricas americanas e um de conhecida fábrica alemã. Depois de, com uma exceção apenas, fabricarmos carros antigos e desatualizados de aproveitarmos prensas e equipamentos antigos em desuso que os americanos usavam como ferro velho, os brasileiros vão poder comprar (e note bem isto: há poucos anos **fabricávamos** os nossos automóveis; agora, podemos **comprar** e apenas isto) carros verdadeiramente atualizados, de acôrdo com os modernos padrões europeus. Para saber o que isto significa, ou seja, o lançamento do Opala (Chevrolet), "M" (Ford-Willys) e do Volks 4 portas, passemos para os idos de 56...

O COMEÇO

Depois de um conturbado período de ditadura o país estava num dilema: ou se virava para o Kremlim, ou para a Casa Branca. Os ideais cristãos do povo brasileiro, fizeram-no se voltar imediatamente para os irmãos americanos (não tanto os ideais cristãos mas sim os ideais da. Esso, é verdade, mas ficamos assim mesmo...) O país precisava, então, seguir os passos da democracia modêlo e a febre do tecnicismo dizia que deveriamos ter as nossas indústrias. Durante algum tempo, muita gente montou e vendeu carros no Brasil, com a total condescendência dos govêrnos que iam e vinham. Um govêrno apenas começou a perceber a real necessidade de termos a nossa indústria, mas cêdo percebeu que não tinhamos condicões para tal Havia trustes e trustes, e o máximo que podiamos era fabricar carrinhos com o mesmo gabarito que se fabricava em 1920, ou muito antes.

O govêrno, sem possuir outra alternativa pela sua própria formação pensava em têrmos capitalistas. Mas cogitava-se de um capitalismo **nacional**. E ofereceu um mundão de vantagens, mas colocou também um mundão de condições. Era o capitalismo nacional que queria nascer atraindo muita gente. O império monetário internacional olhou com desdem a iniciativa: sim, o govêrno deixava trazer maquinário pesado para fabricar automóveis, mas impunha um prazo de nacionalização muito curto, isto é, a matéria-prima deveria vir do Brasil. As auto-peças (pois um automóvel é apenas montado dentro de uma fábrica; poucos de seus componentes são **fabricados** lá mesmo) deveriam ser fabricadas por brasileiros.

Muita gente importante deu para trás. A enorme General Motors, mais potente que o próprio govêrno brasileiro, a imensa Ford, cujo diretor, Robert McNamara, foi secretário de defesa dos EUA, durante tanto tempo, concordaram em ficar, mas só para fabricar caminhões. A Fiat, a American Motors, e tantas outras que se mostraram tão interessadas nos projetos iniciais, debandaram com a mesma presteza com que haviam vindo. A Willys, pequena nos EUA, e com uma série de prensas paradas — o Aero Willy tinha sido um redondo fracasso nos EUA desde 1949 até 1956 — decidiu movimentá-la aqui no Brasil. — E a ela se juntou a francêsa Renault estatal, o símbolo das ambições de De Gaulle. E veio ainda a Volkswagen cujo diretor, homem de notável visão, tinha levantado a firma em um meio capitalista em tempo curtíssimo.

Durante quase dez anos **fabricamos** e compramos carros nacionais desatualizados, custosos, pouco práticos, mas, até certo ponto, nacionais.

DEPOIS DO MOVIMENTO...

E assim foi indo a indústria: reclamando como todo mundo contra alta dos preços, mais ia indo até que houve um golpe. Algumas das indústrias não gostaram muito do tal golpe (golpes de Estado haviam assustado essas mesmas indústrias na época da implantação) e golpes de Estado significam 1 ou 2 anos de recessos em vendas, incompatível com o ganancioso sistema do "Capital empregado"

Em todo caso o nôvo govêrno tinha uma orientação que as indústrias gostavam. Era controlado por pessoas que tinham estreitas ligações com essas indústrias e isto bastava. Um ano depois, a Ford, anunciava que ia lançar um carro novo: o Ford Galaxie. Quem entende de automóveis sabe muito bem que o Ford Galaxie é um lídimo representante da técnica americana, enorme, custoso, custoso em tudo desde as máquinas operatrizes para o seu fabrico até o seu preço final e manutenção. Sabe também qual é o tipo de carro que o Brasil necessita e ainda que o Galaxie não preenchia nenhuma das condições impostas pelo govêrno que implantara a indústria.

Condições... ora, condições... o que são leis, decretos, para um govêrno que se arroga mudar uma Constituição inteirinha? Pois bem, ninguém sabe o índice da nacionalização do Ford Galaxie: seus faróis, sua tampa de radiador e inúmeras outras peças que a pequena indústria nacional poderia fabricar com muita facilidade levam a marca "made em USA"

Para se ter uma idéia, as condições para um fabricante, em 1956, era que êle, até 1960, pudesse nacionalizar pelo menos 95% dos carros que fabricava. Imagine que um carro teve sua fabricação suspensa porque a sua fábrica não conseguiu quem fornecesse rolamentos para a sua caixa de câmbio (o Candango da Vemag). Os carros, lá por 1960, eram desatualizados, mas nacionais. Começou em 1964 a ("operação desnacionalização"); era a...

ERA CONTEMPORANEA DO CARRO NACIONAL

Os industriais brasileiros estavam alarmados. A "primeira" indústria nacional (Primeira porque tinha sido a primeira a fabricar automóveis, em 1957) estava indo de mal a pior: o grande grupo financista nacional, as "Organizações Novo-Mundo Vemag", que tinha a maioria das ações, se viu obrigado a sair do negócio, que não era mais tão rendoso. Todos os capitalistas brasileiros que tinham ações na fábrica começaram a se desfazer delas: não havia garantias, e grupos estrangeiros compravam-nas bem. Era o gigantesco, bem urdido e nojento plano de desnacionalização. As próprias indústrias de auto-peças tiveram que se sujeitar, e a chamada "pequena indústria" passou para as mãos dos grandes. Eram os mesmos passos que a democracia modêlo havia dado: a General Motors tem a sua própria

fabricante de velas, estofamentos e até parafusos. É a autofagia natural do processo capitalista.

E OS NOVOS CARROS?

Mas, na verdade, qual o significado dos novos carros? São mesmo carros atualizados? E o que quer dizer um carro atualizado?

Um carro "atualizado" é um que se aproxime muito da perfeição. Infelizmente, é muito dificil fabricar um carro atualizado num sistema de vendas capitalista, onde a produção e a concorrência é que mandam. Muitos poderiam dizer que a concorrência é sadia que melhora os projetos, mas quantos bons projetos já foram engavetados por sua produção inicial ser custosa e porque "o antigo vendia bem"? A própria industria americana, emprega uma técnica que não faria inveja a um produtor europeu de... 20 anos atrás! Modificações que dêem na vista, isto sim. Mas modificações para melhorar, mesmo, só em ultimo caso... Sem dúvida, o espírito do capitalista europeu é diferente, decorrente do modo de vida que o europeu leva. E isto levou o carro europeu a uma posição técnica de destaque

Um moderno carro europeu é reduzido por fora mas com grande espaço por dentro. De motor pequeno e econômico, mas eficiente e capaz de altas velocidades. E fabricado em grande série, mas com bom acabamento. Raramente tem a aparência espetacular espalhafatosa de um carro americano, e o bom gôsto impera a ponto de um italiano conseguir fazer do desenho de carrocarias uma verdadeira arte!

Bem, os três novos carros nacionais, cujos desenhos aparecem neste artigo, estão muito perto do padrão europeu. Mas não são nacionais. O dinheiro que você gasta neles não fica no Brasil. O dinheiro que você gasta na manutenção dêles, na gasolina que faz com que êle ande até o farol que você acende, não são nacionais. E foi só quando as companhias tiveram certeza de poder fabricar algo que desse mais lucro a elas mesmas, é que decidiram fabricar algo melhor. Como os novos carros .. nacionais.

PORQUE NOVOS CARROS?

Porque justamente a General Motors e a Ford, as duas maiores emprêsas privadas do mundo, que diziam nunca ter planos de fabricar carros no Brasil, só caminhões, se empenham tanto em fabricar carros atualizados, isto é, que possam atrair o comprador tão de repente? é a autofagia de que falamos agora pouco. A Willys, recém-comprada pela Ford, parecia não ter futuro: os seus Renaults, fabricados com baixíssimo padrão de qualidade haviam perdido completamente o mercado para os Volks (Em março, a Volks vendeu mais de 4.400 carros. A Willys colocou 200 Renaults no mercado...). O Aero Willys completamente desatualizado, custoso e pouco prático, pesadão, tinha um mercado restrito. A Rural, vendia bem, mas vendia menos que a perua Kombi. E o pátio da Willys, atrás da fábrica e onde não podem entrar máquinas fotográficas, estava repleto de carros que ficavam enferrujando. Quer dizer: porque os gigantes de Detroit iriam deixar a Volks dominar o mercado em um terreno que era política e econômicamente dominado por êles, americanos? Novos carros significavam novo mercado, só isto.

OS CARROS

Para quem gosta de automóveis, uma pequena ficha técnica de cada carro: **Chevrolet Opala** — êste será o seu

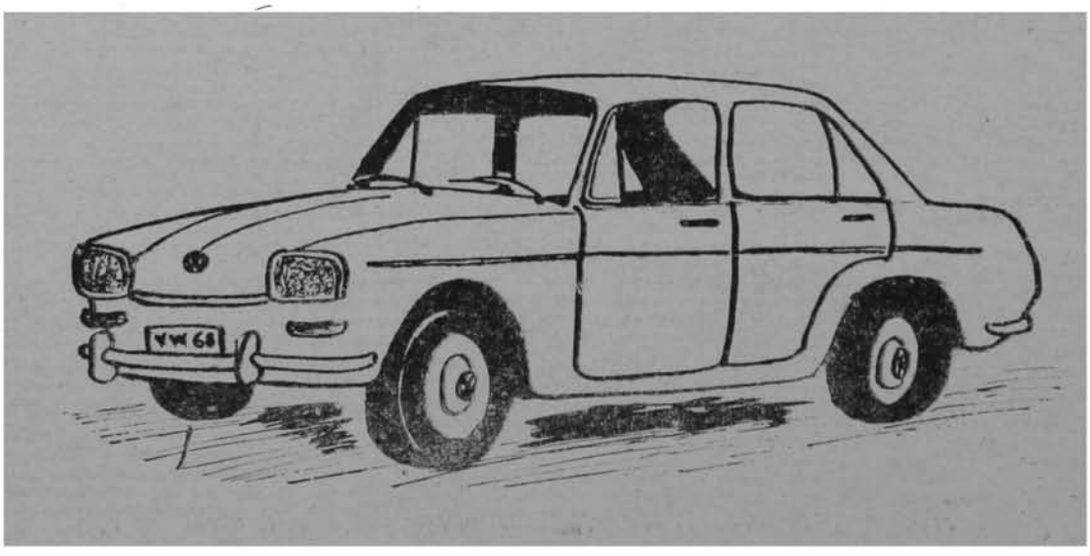
nome definitivo; é pràticamente igual ao Opel Rekord alemão Poderá vir com dois motores: um de 4 cilindros (misteriosamente fabricado no Brasil há 2 anos, mas que não equipa nenhum carro brasileiro E' que este motor vai para sucursais da GM na Africa. Não, não é exportação: existem taxas de exportação. Ele simplesmente vai para a Africa. Só.) que deverá render uns 80 HP, e levará o Opala a 150 por hora, e outro de 6 cilindros, quase igual ao da caminhonete, de 150 HP, com o qual o carro deverá andar a 160 km/hora. Preço: 16 a 19 milhões.

FORD "M" — Equipado com motor Renualt, inicialmente com 60 HP. O carro, que segue os padrões europeus, bastante eficiente, deverá atingir 130 por hora. Preço, ao redor de 15 milhões. Deverá vender bem se o controle de qualidade for melhor do que é hoje. **Volkswagen 4 portas.** — Poderia se chamar Brasilia, mas a Willys "patenteou" este nome há algunsa nos. Se Você algum dia quiser chamar um carro seu de Brasilia, não pode: a Willys comprou (sabe-se lá de quem...) os direitos de usar o nome da nossa Capital, e quem tambem quiser usar acaba indo preso. Era de se esperar: primeiro, compraram o nome, depois, a capital! Bem, o Volks 4 portas, de linhas atuais, deverá vir fabricado com um motor de 1.600 cc., desenvolvendo 70 HP, no maximo, (talvez um pouco menos, suficientes para levá-lo até a casa dos 140 por hora. O preço deverá ser de uns 11 milhões.

SOLUÇÕES?

Não vamos, neste breve artigo, e nem é de nossa alçada, aventar soluções para tal problema. Mas é muito simples perceber o que ocorre, perceber a organização entreguista que agravou os problemas. Perceber a marcha inevitavel do capitalismo, sistema autofagico e inexoravel. O caso da industria brasileira, e o que vimos da automobilistica, é tipico: industrias "se unindo" para devorarem-se uma às outras, e, pela poltica governamental fabricando e vendendo unica e exclusivamente para si, para seu proveito. Soluções? A curto prazo, parece-nos dificil: uma nacionalização imediata seria impossivel na atual conjuntura; e em qualquer outra conjuntura: o imenso imperio financeiro que sustem tais industrias seria uma barreira dificil. Mas lembremo-nos: dificil, sim. Não impossivel.

sigi



Icono grafia Russa

Continuamos com a publicação dêste trabalho do nosso colega Paulo Dal-Ri Peres e de Euclydea Peres, alunos do curso de Estudos Orientais da USP.

RESUMO HISTORICO DE BIZANCIO

Justiniano inaugurando a catedral Santa Sofia de Constantinopla, em 537 exclamou: "Salomão, eu te venci" (referindo-se ao templo de Jerusalém). Mas Bizancio não construiu mais igrejas tão grandes e ricas devido às vicissitudes políticas e à decadencia econômica, que impediam a repetição no Império do milagre de Justiniano. Os historiadores atualmente encaram seu govêrno como um longo êrro, principalmente no tocante à política interna.

As simpatias da imperatriz Teodora pelos monofisistas fizeram com que essa heresia se desenvolvesse principalmente na Siria e no Egito, que no século VIII passam para o domínio árabe quase sem resistencia devido à menor oposição dêstes à religião monofisista em relação aos bizantinos. Justiniano financiou instituições monásticas, dando-lhes terras e isenção de impostos, o que terá graves consequências. Investiu demasiado no campo da reconstrução, que faz o seu reinado ser denominado "A Primeira Idade de Ouro Bizantina" agravando excessivamente as taxas, de modo que a sua morte é recebida com alívio.

Em conseqüência do seu reinado, na Itália vão surgir os longobardos; bandos eslavos e mongólicos invadem Grécia; o patriarca de Constantinopla entra em conflito com Carlos Magno, e os persas sassânidas chegam às muralhas de Bizâncio. Erclio, filho do exarca de Cartago, aproveita-se da situação, e, em 1610, elege-se imperador. Ele tenta pôr fim às controvérsias religiosas entre monofisistas e ortodoxos elaborando uma doutrina de compromisso, a monotelista, segundo a qual Cristo tem uma só vontade e duas naturezas. Essa medida de nada adiantou. Seus sucessores alternam-se no trono até 717 tendo que suportar o choque muçulmano, com resultados pouco felizes. Perderam a Síria, o Egito e a Africa reduzindo o Império somente à Asia Menor, Grécia e Itália Meridional.

Nessa época o latim é substituído pelo grego, e o título de imperador é traduzido pelo grego, basileus. A dinastia dos Eráclidas termina com violência e usurpação. Teodósio III, o último dêles abdica em favor de strateg de Anatólia. Leão III o Isáurico que reina de 717 a 741. Irene (780-802) viúva de Leão IV foi a última reinante desta dinastia: prorrogou seu govêrno mandando cegar seu filho ao atingir a maioridade.

Niceforo (802-811), seu ministro das finanças, destrona-a e vai morrer em guerra contra os bulgaros, que haviam constituido seu reino um seculo antes. Sucede-o, Miguel II, o Gago (820-829), chefe da dinastia armorica, que termina com Miguel III, o bebado (842-867).

As dinastias isáurica e armórica tiveram muitas dissensões com os bulgaros e povos eslavos da Russia; esses ultimos atacando pela primeira vez em 860, revelam-se mais temiveis que os bulgaros. Cem anos mais tarde tambem os russos se converteram por obra do rei Vladimir, e, Kiev tornar-se-á um dos centros ortodoxos mais religiosos e mais florescentes, do ponto de vista artistico.

No seculo XII surgem as cidades de Novgorod e depois Vladimir, capital, quando Kiev foi saqueada por Andrei Bogolimbsky em 1109, e, até 1238, epoca em que foi conquistada pelos mongóis.

Os Issuricos e Armoricos tornam-se conhecidos no mundo cristão, pela luta que desencadearam contra as imagens religiosas: a Iconoclastia, instituida por Leão III, em 730, ab-rogada por Irene, o que a fez receber os maiores louvores do partido filo-iconico, restabelecida por Niceforo e finalmente ab-rogada por Teodora em 843.

As consequencias diretas que a luta iconoclastica teve sobre a arte foram: destruição ou remanuselo de imagens religiosas de epocas precedentes e, florescência onde a lei se aplicou de uma rica simbologia, substituindo a representação de Jesus, de Maria e dos Santos. Muitos artistas, chocados com tais processos, se refugiaram no Ocidente, decorando muitas igrejas romanicas. Em Roma, onde o Papa defendia o principio da legitimidade das imagens religiosas, pode-se ver a mão dos pintores gregos do seculo VIII, nas grutas do Vaticano, em Santa Maria Antiqua, nos mosaicos que o Papa Pascoal I (817-824) quase que para responder, polemicamente às destruições de imagens realizadas por Leão, o Armenio, fez executar nas Igrejas de Santa Maria in Domnica, de Santa Cecilia e de São Praxedes.

A Iconoclastia, controversia que esquentou os animos, tanto no Oriente como no Ocidente, de um modo que, na nossa epoca é inconcebivel, teve motivos religiosos, politicos, e mesmo um pouco de superstições.

O gesto dos basileus, tão hostilizados pelos papas, tinha alguma justificação. Isto é, o horror da figuração do Divino e a repulsa pela recordação do culto dos idolos, já era importante na epoca dos primeiros cristãos. De fato, antes que a igreja fosse reconhecida oficialmente por Constantino, via-se nas catacumbas, representações de Cristo ou de Maria. Havia desconfiança, tambem, contra as estatuarias, que tinham sido o principal instrumento das religiões pagãs.

Leão III pretendeu com seu gesto conquistar as graças dos centros cultos da Capital, mesmo porque, junto ao povo miudo, o culto das imagens e reliquias assumira aspectos excesssivos. Outro fim era golpear o monacado, que das reliquias, mais ou menos, "milagrosas" tirava a maior parte de seus proventos em forma de obolos e legados pios.

Os conventos tinham muitos direitos e poucos deveres, comparados com os basileus, eram verdadeiros feudos ricos e exerciam influencia em detrimento do poder temporal, e subtraia suditos à sua autoridade.

A Iconoclastia transformou-se de luta religiosa em politica: os monges estavam do lado da oposição, enquanto que do lado dos basileus estavam o clero bizantino culto, o exercito, e os povos vizinhos dos muçulmanos, cuja superstição fazia crer que estes deviam seu poderio à sua religião aniconica.

A luta repercutiu na escultura e na pintura, ocorrendo uma separação nitida entre a arte popular e a arte aulica.

Os monges continuaram a pintar suas capelas, o povo recorreu aos icones, que são imagens religiosas pintadas sobre tabuas de pequenas dimensões. A Côrte bizantina cultivava uma arte simbolica, decorativa, baseada em motivos florais e animais. Entretanto, pouco ficou dessa produção, e os icones passam a ser conhecidos através da produção posterior da Russia rica de pecas realmente belas.

Após o turbilhão iconoclasta, outra dinastia ascende ao trono de Bizancio. Bardas e seu sobrinho Miguel III são assassinados por um armenio, em 866 e 867, respectivamente. Este armenio, de uma familia estabelecida na Macedonia, passa à Historia como Macedonio, e subiu ao trono como Basilio I, sendo o chefe da dinastia macedonica, criadora da "Segunda Idade de Ouro Bizantina, que vai de 817 a 1056, seguida por uma decadencia acelerada de 1056 a 1087.

Desta epoca, os acontecimentos mais relevantes são: a figura da imperatriz Zoé, esposa de três imperadores sucessivamente, que ficando viuva, reinou com a colaboração da irmã Teodora; as guerras contra os arabes, a reconquista temporaria de Chipre, Creta, Alepo, Antioquia, etc.; a volta à política ocidental, a guerra contra os bulgaros cuja retirada de seu rei Simeão, em 914, quando já havia tomado Constantinopla, foi devida, segundo as cronicas bizantinas, à impressão que lhe causou o esplendor do imperador romano Lecapeno; o estabelecimento de relaçõs com a Republica de Veneza; o inicio do dominio normando na Calabria e na Sicilia; no Oriente a chegada dos turcos seldjucidas, que ocupam parte da Persia, a Mesopotamia e atacam a Armenia Bizantina, enquanto outros turcos invadem a Grecia; e, finalmente, o cisma definitivo entre igrejas ortodoxa e romana, devido ao patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulario.

Os cerimoniais da côrte mostram como no decorrer dos seculos, os imperadores não deixaram de considerar a etiqueta como a melhor arma a opor aos proprios inimigos.

Basilio constroi em Constantinopla a Nea ou Nova Igreja, cuja vastidão a aproximava de Santa Sofia.

A dinastia seguinte foi a dos Comnenos, cujo iniciador Alexis, que subiu ao trono em 1801, após varias revoltas regionais. Era um grande proprietario de terras na Asia Menor, e otimo militar, de quem Bizancio muito necessitava naquele momento.

Em geral, os Comnenos mantiveram as relações com o Ocidente, tanto que Manoel I (1143-1180) desposou uma francesa, Marie de Antioquia; com exceção de Andronico Comneno (1183-1185), que se conduziu de modo oposto, tendo inclusive ordenado um massacre de todos os latinos que se encontravam em Constantinopla. Esta é a epoca das Cruzadas, expedições aventureiras que não foram promovidas com o desejo de libertar o Santo Sepulcro, haja vista que, quando Alexis Comneno, ameaçado na Asia Menor pelos turcos, e nos Balcans pelos Servios, lançou um apelo, ouvido por Urbano II que serviu de pretexto para a organização da primeira Cruzada. E' que, entre os "libertadores" circulava a idéia de que um terço da riqueza mundial se concentrava em Bizancio, o que foi um atrativo muito forte.

Com o pretexto de recolocar ao trono de Constantinopla Isac II, o Anjo, destronado por Alexis III, os cruzados, sob o comando de Dandalo, a caminho do Egito, voltaram para Constantinopla.

Tomaram Constantinopla em 1203, destituiram Alexis III e recolocaram Isac II, o que provocou a sublevação dos bizantinos, que viram como este seria um instrumento docil, nas mãos dos latinos e do Papa.

Constantinopla foi tomada de assalto pelos cruzados em 1204, saqueada durante três dias, e as famosas riquezas dos Comnenos, com suas obras de arte foram para a Europa.

Posteriormente, os Paleologos promoverão o terceiro renascimento da cultura e da arte bizantina; que será truncado pela tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Será, no entanto, uma arte que perdeu muito de sua vitalidade e interesse, em relação às grandes conquistas efetuadas no mundo ocidental.

Introdução á arte

Como conceito de arte podemos estabelecer que seja o agrupamento de sons ou de formas dando origem a obras pictóricas, escultóricas, teatrais musicais, literárias, etc. Arte é a justaposição, é a ordenação de elementos em certa regra, lei e ordem. Embora cada uma dessas manifestações artísticas vale-se de instrumentos peculiares, tôdas partem de preceitos básicos, que seriam o seu **estado físico, o estado metafísico valôres subjetivos** e **valôres objetivos.**

Penetrando no campo da pintura poderemos encarar cada um dêsses preceitos em isolado.

O **estado físico** define-se no espaço e no tempo. No **espaço físico,** a pintura ocupa o **espaço compositivo** que é a tela, a parede, enfim, o local onde se pinta ou se desenha. No **tempo físico,** a pintura é estática, estabilizando a vida num dado instante paralisando os movimeotns.

Assim como o **estado físico,** o **estado metafísico** vale-se do espaço e do tempo, também. É com o **espaço metafísico** que o artista cria todo um clima, tôda uma situação que não está realmente presente no quadro, estando, entretanto, implícita na tela devido a seu relacionamento emocional ou evocativo. Já no **tempo metafísico** a obra pictórica ganha os movimentos e a dinâmica.

Os **valores subjetivos** são complexos. Implicam desde a criação até o momento do espectador. Conjuga os valores morais, espirituais e emocionais do artista aos sentidos visuais e reações psicológicas do apreciador da obra.

Finalmente, os **valores objetivos** podem ser entendidos como **equilíbrio, simetria movimento, rítmo e harmonia.**

O **equilíbrio** é conseguido pelo jôgo de volumes, côres e tons, seus pêsos visuais e dimensões. A **simetria,** segundo o desenho, pode dispor os elementos equidistantes ou não das bordas do espaço composicional. Já o **movimento** é conseguido através da forma, do conjunto de elementos, da continuidade ou não do traçado.

No que tange ao **rítmo,** êle surge da divisão proporcional dos elementos no plano composicional.

Balanceando todos os valores encontra-se a **harmonia** que deve enquadrá-los (côres, formas, desenhos e volumes) num **esquema compositivo,** que Leonello Venturi chamava de **desenho interior.**

Segundo êste excelente crítico: "A pintura vale-se do desenho interior, da côr e da composição".

Conceito contemporaneo da arte pictórica

Mister se faz a compreensão de que a pintura não é um elemento isolado dentro de um contexto e tampouco um deleite do espírito, individual e extemporâneo.

Acha-se a pintura entrosada na época atual, passada e futura. Retrata o passado documentando-o; transpira a problemática do "tempus praesentis"; adianta-se no espaço e retrocede com uma visão surreal da evolução dos acontecimentos atuais. Fica, assim, pulsando no tempo avançado e recuando em relação à sociedade.

O artista não é um alienado, um sonhador com os olhos voltados para um mundo mágico e irreal. É, antes de mais nada, uma pessoa que como tôdas, sofre e reage à sociedade ligado ao que efetivamente existe, tanto que sua arte é a reprodução do real, remanejado pela subjetividade, sem nunca fugir, contudo, a um vinculamento à vida.

Sendo assim, nada mais natural do que ao contemplarmos uma obra, integrá-la, a priori, com a época, juntando fatos e dados e só então efetuarmos um estudo formal, estético e cromático

A Pintura Moderna

A pintura moderna, longe do que seu nome sugere, teve início com o movimento impressionista por volta de 1870. Antes, porém, prenúncios de uma nova técnica surgiram em meados de 1850. De lá para cá, houve uma impressionante busca do inédito com o incremento da pesquisa resultando em inúmeras tendências pinturescas.

Anteriormente, desde a época da Idade da Pedra até o Realismo, a pintura, dita clássica ou acadêmica, pouca evolução sofreu face ao tempo decorrido. É lógico que possamos abrir um parentêses para arte egipcia, protótipo do cubismo, e devamos lembrar a introdução da perspectiva na pintura plana (antes havia apenas a perspectiva hierárquica); mesmo assim, dado ao enorme período estas modificações foram insignificantes.

Sòmente após o germe impressionista é que a árvore da pintura cresceu espantosamente rápida, multiplicando seus galhos, tornando-se uma árvore gigantesca.

Por convenção, divide-se a arte moderna em três grandes períodos, onde de fase a fase, a pintura sofre modificações profundas, alarga seus horizontes, atinge metas nunca cogitadas.

Assim, encontramos:

A arte moderna, pròpriamente dita.
a arte contemporânea.
a arte pós-pop.

O primeiro período, marcado por suas ligações com a pintura clássica, estende-se desde os quadros impressionistas até a fase surrealista (1929), pontilhado de inovações visuais, estando em seu seio ismos de concepções muito mais arrojados que a própria arte moderna.

A partir de 1930, na era contemporânea, a pintura, toma impulso, e num crescendo alucinante explode com o **pop** (1960).

Inicia-se a era do **pós-pop,** onde a pintura atinge áreas totalmente inéditas e fora do comum. Certas características são próprias dêste período, como por exemplo a perda da individualidade do artista e seu englobamento dentro de um grupo.

akamatu

Glossário técnico

MATÉRIA: A matéria é o conjunto de elementos que um pintor usa em suas obras. Geralmente, se o material empregado fôr único, a obra recebe a classificação pelo material, passando então a se chamar, por exemplo, **crayon, pastel,** etc. A matéria primitiva era problemática, sendo usado todo e qualquer elemento disponível, como barro, sangue, sumo de plantas carvão.

CRAYON: Desenho efetuado com bastão de massa e grafite ou então lápis.

PASTEL: No pastel são empregados bastonetes de cêra ou massa calcárea, o que proporciona um aspecto opaco em côres especiais.

AGUARELA: Emprega tinta solúvel em água, sem superposição de côres, fornecendo uma pintura leve e delicada.

GOUACHE: Preparação de substâncias corantes dissolvidas em água e engrossadas com mel e gomas.

ÓLEO: Pintura efetuada com substâncias coloridas misturadas ao óleo de linhaça ou óleo especial.

NANQUIM: Uso de pó de sapato dissolvido em solução alcoólica.

TÊMPERA: Aplicação de tinta em pó dissolvida em gema de ôvo, água e sumo de limão.

A FRÉSCO: Emprêgo de tinta duras (sem aglutinantes) sôbre base fresca de gêsso ou cimento.

EM CAÚSTICO: Espécie de tinta, usando-se cêra derretida como aglutinante.

NOTA: Com a arte contemporânea, sobretudo a **pop,** a matéria pitoresca atinge ilimitáveis recursos uma vez que tudo pode ser transformado em material de pintura.

Bibliografia

"La geometrie sècrete des peintures"
Charlhes Bouleau
"Situação da arte Moderna"
Jean Cassou

"D'Ars"
Revista Italiana

"Gaur"
Revista Carioca

"L'Arti"
Revista Italiana.

NO PERÍNEO DO ELEFANTE

Todos são como todos. A vida é a mesma para todos, mas a sociedade faz com que cada um se sinta um — e todos sentem a mesma coisa. Cada um vive, da vida a parte que julga ser permitida pela sociedade e esta forma o super-ego. E todos lutamos contra o super-ego, obedecendo-o enquanto não somos fortes para vencê-lo. Coisas antigas e coisas modernas — os antigos que eram modernos e os modernos que serão antigos. Não é ciclico felizmente é progressivo, contra os exageros do super-ego determinados pela sociedade. A vida vai-se fazendo mais permitida à medida que os "errados" vão formando um grupo maior que os "certos" — e os "certos" gostam disso, mas esperam que a sociedade aceite o errado por certo gostam disso, mas sam usufruir de algo mais da vida, que o super-ego censurava. São coisas que, imagino, são boas, dão prazer, não trazem mal a ninguem, mas que a sociedade toma como extremamente más, que prejudicam os que possa usá-las e prejudicam até mesmo a sociedade — ninguem sabe porquê ninguem explica porquê até hoje não sei do porquê — e eu tambem obedeço leis infundadas da sociedade por ser condenado a não viver tudo o que a vida tem de bom por fazer parte da sociedade e pertencer a um dos "certos".

Voltando ao antigo e moderno, digo que o que escrevo aqui é moderno porque anos atrás não me permitiria fazê-lo e é antigo porque sei que passados alguns anos eu me permitiria escrever de modo mais claro.

Sempre existiram na sociedade três tipos de agentes: os que rompem descaradamente os rigores do super-ego os que esperam que o errado seja aceito como certo pela sociedade, e finalmente, os que não se dobram a esta evolução, comandados, até a morte, pelo subconsciente sacrado

Minha intenção não é esclarecer nada a ninguem mas sim propor um desafio: afirmo que todos somos contra todos — os que lerem este artigo (todos) tentando imaginar mais claramente as coisas às quais me refiro enumerarão as mesmas coisas, na mesma ordem de probabilidade

(O título desculpem-me, foi apenas para chamar a atenção).

GEORGINO

"UNICA OPCÃO, A VIOLÊNCIA?"

Dom Helder, Arcebispo de Olinda e Recife, na sala da Mutualidade, em Paris, a 25-4-1968 quando falou da necessidade de uma revolução estrutural tanto para o mundo subdesenvolvido como desenvolvido, demonstrando a pela violência que existe já instalada pela miséria no 3o mundo, subdesenvolvido no mundo desenvolvido quer capitalista quer socialista, tomou a seguinte posição:

— "Respeito aquêles que em consciência se sentiram obrigados a optar pela violência, mas não a violência fácil dos guerreiros de salão, mas daquêles que provaram sinceridade pelo sacrificio de vida. Parece-me que as memórias de Camilo Torres e de Che Guevara merecem tanto respeito como a po Pastor Martin Luter King;

(Continua na pag. 13)

A SOLUÇÃO FINAL

O presidente da Republica nomeou uma comissão de cinco membros para estudar e propor medidas relacionadas com os problemas estudantis no País.

Só lamento não ter sido indicado para essa comissão, pois tenho uma sugestão-bomba — a solução final do problema estudantil.

O que está errado com os estudantes, em primeiro lugar, é que eles são muito jovens. Em segundo lugar: acreditam viver num País de jovens. Querem dar palpite na politica, reivindicam liberdade, confraternizam com catolicos (!) e comunistas. Assim não é possivel, e creio que ninguem em sã consciencia, se sente tranquilo diante desta malta cujas fileiras a cada dia são engrossadas com novos contingentes. (Aliás, a solução finalíssima do problema estudantil seria a pipula anticoncepcional. Não nascendo ninguem, ninguem cresce; não crescendo ninguem, em pouco tempo deixará de haver estudantes e o nosso querido Brasil entrará nos eixos. Mas antes de tudo devemos reconhecer que ainda há estudantes — e quantos).

Se a comissão de cinco membros e o proprio Presidente quiserem me ouvir, eis a minha proposta:

1. Será considerado estudante todo brasileiro maior de 18 anos.

2. As mulheres não serão levadas em consideração.

3. Os estudantes serão convocados para a escola.

4. Fica proibido o uso de uniforme. E será obrigatorio o uso de farda estudantil.

5. Os estudantes do 1.o ano farão continencia para os estudantes do 2.o. Os do 2.o ano farão continencia para os do terceiro ano, e assim por diante.

6. Todo estudante é responsavel pela segurança nacional. Se alguem chatear alguem na rua, os estudantes descerão a lenha no chato.

7. No primeiro ano do curriculo, o aluno se chamará estudante raso. Ao receber o diploma: sargento-estudante

8. Os professores deverão conhecer a tecnica de acionar canhões, metralhadoras e demais armas de guerra

9. Esse conhecimento, é claro, não será transmitido aos estudantes enquanto estes não se mostrarem capazes de zelar pela ordem publica.

10. Estudante reprovado é estudante subversivo. Cadeia para ele

11. Estudante relapso é estudante corrupto. Pau nele.

12. Os excedentes serão considerados estudantes de terceira categoria.

("Jornal do Brasil" de 8-1 1968)

J. C. OLIVEIRA

A Falência do Espírito

Gradualmente, a Igreja afasta-se do poder do Estado para uma tentativa de união com os estratos inferiores onde sua influência já não é tão marcante e onde sua imagem já não é tão intangível às análises e críticas mais severas.

Após longo período de predominancia sempre compartilhada com as classes poderosas inicia-se o declínio do poder temporal com a grande maioria da população cansada de atacar ditames retrógrados e conservadores.

Somente após o Concílio Vaticano II, a Igreja inicion a renovar seus sustentáculos e a compreender que seus alicerces estavam abalados profundamente por sua função carecer de lógica e necessidade.

No interêsse da manutenção de seu estado privilegiado aliou-se ao poder Estatal e êste àquela para uma maior penetração na sociedade quando ainda a Igreja contava com bastante influência e preocupada em manter seu pôsto dignatário evitou penetrar no ambito maior do significado da religião e êste fator pesou para postergá-la para o interior dos templos e segregá-la do seu corpo fundamental: o povo

Ao atingir, embora lentamente, o campo social derivou para a caridade e os fins paliativos, mais uma vez enganando-se com sua função, desacreditou-se perante as camadas mais baixas.

O povo, assim, que tinha a Igreja como amparo e lenitivo começou a perceber que não era o cuidado maior e principal da Santa Madre, mesmo quando esta, exteriormente, proclamava-se defensora dos direitos humanos, uma vez que êstes direitos eram ditados pelo seu aliado poderoso. Na verdade, defendendo, indiscriminidamente, a livre emprêsa e o direito da iniciativa privada, a Igreja, dá razão e direito aos que menos necessitam.

Agora, a Igreja está em crise. A hierarquia superior, salvo excessões, conservadora por excelencia, defende ferreamente sua posição contra o novo clero que se forma, num ambiente onde revolução e progresso fervilham, trazendo tôda uma nova estrutura e razão de ser para a Igreja. Desde a forma de trajar-se até os conceitos mais supremos da religião os padres encontram-se em choque.

Fatalmente, a Igreja terá de render-se à revolução e abrir mão de sua imagem santificada para adquirir nova feição e uma nova vivência, só que desta vez, de uma maneira honesta, ao lado do povo e pelo povo; terá de abandonar a idéia de cuidar somente do espírito desligando-o da matéria.

E' necessário que a Igreja torne-se uma sociedade de vivos e não de mortos.

E' necessário que a Igreja ponha de lado sua secular clausura e lance-se ao mundo contemporaneo fazendo parte integrante da sociedade.

E' hora da religião rever sua doutrina e aproximá-la da realidade moderna porque seu espírito, o espírito da Igreja, não mais necessita de balanço, esta à falência.

akamatu

MANIFESTO

COM RELAÇÃO AOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS POR OCASIÃO DO DIA 1.o DE MAIO

São passados 20 dias das comemorações do DIA DO TRABALHADOR; um esfôrço foi feito a fim de que êsse dia fosse realmente marcar o trabalhador para a grande missão que lhe cabe no nosso país; as lideranças operárias não se pouparam um minuto para que 1.o de maio fosse realmente um dia do despertar operário. Pois bem, durante êsses vinte dias que se seguiram ao 1.o de maio todo um esfôrço vem sendo feito para esmagar a semente plantada nesta ocasião: — interpretação mentirosa do que aconteceu na Praça da Sé; aproveitamento do acontecido para vitimalizar quem não é senão um dos algozes e como senão bastasse, uma onda de insegurança através de prisões feitas e outras prometidas. Existe assim no mundo operário um verdadeiro clima de tensão, que pretende reduzir ao silêncio as vozes das lideranças operárias, reduzindo mais ainda as possibilidades do operário de se tornar gente e manifestar democràticamente, pelo menos, seus estertores de morte perante uma situação desumana, que oprime e mata lentamente o operário.

Sentimos o clamor da multidão e emprestamos a elas as nossas vozes para vir a público, protestar e denunciar êsse estado de coisas para não sermos cúmplices dessa exploração. Eis, em síntese, a razão dêsse nosso manifesto.

DECLARAÇÃO POR OCASIÃO DOS ACONTECIMENTOS DE 1.o DE MAIO

Sacerdotes e Pastôres Cristãos, cônscios de nossa responsabilidade, ligados que estamos ao povo e, participantes de sua vida pela missão a nós confiada, viemos a público proclamar nossa consideração e posição diante dos fatos ocorridos no dia 1.o de maio e a êle posteriores.

O QUE VIMOS NO 1.o DE MAIO?

Na Praça da Sé notamos em massa a presença do povo trabalhador.

Unido ao trabalhador a presença de sacerdotes e estudantes solidários a essa comemoração

Presenciamos o repúdio da massa trabalhadora aos representantes do govêrno e a líderes sindicais.

Constatamos a acolhida no palanque oficial de operários surgidos do meio do povo, que ordeira e calorosamente os aplaudiu.

Sentimos que a palavra do trabalhador nêsse dia foi mais um grito de angústia e sofrimento, reclamando para si um único direito: o de viver com dignidade e honestamente.

E NÓS SOMOS TESTEMUNHAS

Que o repúdio ao govrenador pela multidão ali presente e não por "um grupinho de agitadores", conforme anunciaram pela imprensa, significa o descrédito e a desconfiança em que cairam os governantes e os ricos seus aliados, responsabilizados como sendo os detentores da miséria do povo.

Que os líderes sindicais não são acolhidos em sua maioria pelos trabalhadores, que vêem nêles um aliado do patrão e quando não defensores, "dedo duros" ou dependentes de um regime que o operário não aceita porque não lhe é favorável.

Que o povo aceitou e aplaudiu os operários no palanque, porque êles de fato transmitiram e fizeram sentir às autoridades as palavras que de fato a multidão queria que fôsse ouvida.

E DEPOIS DO 1.o DE MAIO?

A exploração em tôrno das gotas de sangue do governador.

A deturpação dos fatos como sendo "um grupinho de estudantes comunistas".

Prisão de operários e estudantes, interrogatórios minuciosos a Padres cujo único crime foi comparecer à Praça da Sé.

Prisão de dois líderes sindicais, submetidos a torturas.

Temor dos trabalhadores, nos seus próprios bairros, constantemente vigiados pela polícia.

Militantes operários covardemente traídos por companheiros, o famoso "dedodurismo", gerando um ambiente de mútua desconfiança entre os trabalhadores.

A não intimidação dos operários, que já não se abatem diante dêsses fatos, e, pelo contrário, solidarizam-se com os perseguidos e mantém suas famílias, num gesto de quem está disposto a pôr um paradeiro à tudo isso.

NOSSA POSIÇÃO

É a mesma de Cristo e dos Evangelhos.

Sempre junto com o povo.

Pela justiça e contra a miséria.

Por um justo salário, por uma digna condição de trabalho, pela participação dos bens de produção, por um direito que não está sendo dado à grande maioria do povo brasileiro.

Contra o sangue que está sendo derramado impunemente: sangue de crianças que não vivem até os três anos de idade, porque lhes roubam o direito à vida; sangue de operários, porque lhes roubam a resistência e nada ou quase nada lhe dão em troca; sangue de estudantes também, porque êstes querem escolas e cultura.

Denunciamos o verdadeiro "grupinho de agitadores", que são os detentores do poder e do dinheiro mal acumulado, como sendo os grandes culpados da miséria e da revolta do trabalhador e de todos os que têm fome e sêde de justiça.

Alegramo-nos de ver que o trabalhador já não se intimida que cresse seu espírito de legítima defesa contra a agressão, que êle percebeu que organizado — é capaz de implantar a dignidade nêsse país.

NOSSA POSIÇÃO é ao lado do operário e do povo no seu justo anseio de liberdade.

(Integra de um manifesto de 75 padres e pastôres, na sede da JOC, no dia 20-5-68).

UNICA OPÇÃO, A VIOLENCIA?

(Continuação da pag. 12)

— acuso os verdadeiros feitores da violência todos os que de direita ou esquerda ferem a justiça e impedem a paz;

— minha vocação pessoal é a do peregrino da paz, seguindo o exemplo de Paulo VI, pessoalmente prefiro mil vêzes ser morto a matar".

Dom Helder diz que assim o faz pelo Evangelho, porque não temos o direito de nos fechar no egoísmo. "tôda uma vida do esfôrço para compreender e viver o Evangelho me leva à convicção de que se o Evangelho pode e deve ser chamado revolucionário, é no sentido de que êle exige uma conversão de cada um de nós". Nós, cristãos, estamos do lado da não violência, que de nenhum modo, é escolha a fraqueza e passividade. Não violência é crer mais na fôrça da verdade, da justiça e do amor, do que na fôrça da mentira, da injustiça e do odio"

A opção pela não violência é válida também para a América Latina. O Arcebispo acredita que se desencadear a violência podemos estar seguros que os grandes chegarão. **Mesmo sem declaração de guerra, as Super Potências estarão lá e teremos um nôvo Viet Nam**

Por que Dom Helder propõe uma revolução estrutural afirma que **é indispensável promover primeiro mas num sentido novo, uma revolução cultural"**

"Se as mentalidades não chegarem a mudar em profundidade, as reformas de estruturas, as reformas de base ficarão no papel inúteis."

Finalizando, Dom Helder tem uma palavra aos jovens dos países desenvolvidos, tanto de regime capitalista como socialista pede: — "em lugar de pensar em ir para o terceiro Mundo para tentar promover a violência insisto que se engajem no próprio país de abundância para que se processe a revolução cultural capaz de conduzir a uma nova hierarquia de valores, a uma nova visão do mundo, a uma estratégia global de desenvolvimento, e a revolução do homem".

Para os jovens dos países subdesenvolvidos, Dom Helder opina que enquanto ainda não tiverem condições para nem mesmo chegar ao poder tentem exercer uma pressão moral, sempre mais corajosa sôbre os responsáveis pela situação da nossa gente. Tentem preparar-se para as responsabilidades de amanhã e ajudar as massas a se tornarem povo porque o subdesenvolvimento material e físico envolve o subdesenvolvimento moral, intelectual e espiritual.

inicie
a terapêutica
com

STAFICILIN-N

Oxacilina, penicilina P12 Bristol

antibiótico de primeira escolha nas estafilococcias

* Ação bactericida
* Alta eficácia, inclusive contra as cêpas resistentes
* Ativo também contra o estreptococo e o pneumococo

APRESENTAÇÕES:
Para uso oral, frasco com 20 cápsulas de 250 mg.
Para uso injetável, frasco de 500 mg acompanhado de diluente.

1 - Rutenburg, A.M., and Greenberg, H. L.: J.A.M.A. 187:281 (Jan. 25) 1964
2 - Simon, H.J., and Sakai, W.: Pediatrics 31:463 (March) 1963

BRISTOL

LABORTERAPICA-BRISTOL S.A.
Ind. Química e Farmacêutica - Rua Carlos Gomes, 924 (Sto. Amaro) S. Paulo

O EMBUSTE DA OPERAÇÃO RONDON

Opor ao projeto Rondon a luta pelo programa do Movimento Estudantil e o apoio às lutas dos trabalhadores

Em janeiro dêste ano, cêrca de 300 universitarios de todo o país participaram de uma expedição à Amazônia e territórios, que se propunha objetivos bastante audazes e altruistas: 1) levar auxílio médico-social à população da Amazônia; 2) efetuar levantamentos estatísticos nessas áreas; 3) "integrar as Forças Armadas com a Universidade e dar aos estudantes que participam dessa missão sócio-econômica uma consciência da realidade social".

Diante dos excelentes resultados das primeiras atividades da Operação Rondon, amplamente divulgados, prepara-se o govêrno e o Exército para estender nacionalmente essa experiência através de novas expedições em várias outras partes do país num projeto que "salvará a população da miséria e das doenças, solucionando os problemas sociais em têrmos brasileiros".

O projeto Rondon, organizado pelo Exército e pelos ministérios da Educação e dos Negócios do Interior, foi idealizado pelo professor Wilson Choeri (Universidade da Guanabara) e pelo gen. Birna Machado(quando diretor da Escola Superior de Guerra em 1967). Entretanto sua origem mais remota está ligada à sugestão de uma organização norte-americana **Peace Corps** (Voluntários da Paz) conhecida por sua atuação internacional e que também está preocupada em solucionar nossos problemas sociais em têrmos brasileiros.

Para atingir o primeiro objetivo — prestar auxílio médico à população — a expedição estava munida de um amplo arsenal terapêutico 60 ampolas de soro polivalente, 36 de soro anticrotálico, 10 mil drágeas de gluconato de ferro (antianêmico), 5.000 comprimidos de sulfa, e amostras de várias medicações sintomáticas perfazendo 400 Kg. É desnecessário demonstrar que, mesmo com uma quantidade 100 vêzes maior de medicamentos e de cuidados médicos, as condições da população atingida pela expedição não seriam alteradas. Basta lembrar que a quase totalidade das doenças do homem do campo se desenvolvem facilmente por encontrarem um baixa resistência do organismo — determinada pela **desnutrião crônica**, e por outros fatôres como a **espoliação crônica** dêsse organismo simultaneamente por vários parasitos intestinais. A isto se somam as precárias condições de higiene, de trabalho, de habitação. É um contra-senso e uma farsa dar vermífugo ou antianêmico a um individuo parasitado que continuará exposto às mesmas condições. É buscar uma solução farmacêutica para problemas sócio-econômicos.

De um lado existem endemias como a malária (que atinge atualmente mais de 1 milhão de individuos no Brasil), como a doença de Chagas (cêrca de 5 milhões de individuos parasitados), que podem ser tratadas eficazmente com recursos puramente médico-sanitários (inseticidas quimioterápicos, etc) que o govêrno e a saúde pública até agora foram imponentes para fazê-lo. E por outro lado existem doenças de massa como a esquistossomose (7 milhões de brasileiros) e as verminoses intestinais (90% da população) que só poderão ser erradicadas através de programas de saúde (saneamento, obras públicas como rede de esgotos ou fossas, água, educação sanitária, etc) combinados com o desenvolvimento econômico da população, isto é elevação dos recursos aquisitivos que permitam melhores condições de higiene, de alimentação etc.

Tem o mesmo sentido mistificador a pretensão de efetuar levantamentos estatísticos dos problemas médicos-sociais a fim de que o govêrno possa resolvê-los com medidas mais amplas. Na Amazônia, por exemplo, existem organizações públicas como o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), o Departamento Nacional de Endemias Rurais, a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) que conhecem suficientemente bem os problemas da Amazônia. Se não têm meios, recursos, capacidade para solucioná-los utilizando os próprios recursos da região, isto é outra coisa.

Os próprios organizadores dêsse projeto são razoávelmente inteligentes para perceberem êstes aspectos, para saberem que atividades dêsse tipo não podem contribuir para resolver mesmo os menores problemas sociais. É uma simulação consciente. Isto deixa bastante claro qual a **Consciência da realidade Nacional e visualização dos problemas sociais** que o projeto pretende dar.

Resta descobrir quais as verdadeiras intenções que estão camufladas por objetivos tão altruístas e patrióticos, quais os interêsses ocultos que explicam tôda esta mobilização e esforços do govêrno e do Exército. A explicação está contida nos próprios acontecimentos que sucederam ao golpe militar de 1964. Desde então o movimento estudantil assumiu uma posição de rejeição e enfrentamento ao Govêrno que se expressou inicialmente na luta contra a Lei Suplicy e em defesa da UNE e das entidades livres. Posteriormente na campanha pelo voto nulo definindo assim uma perspectiva **independente** do govêrno militar e da farsa da oposição parlamentar, o MDB, ao mesmo tempo em que procurava se aliar com os setores explorados da população. As mobilizações nacionais de setembro de 1966, as lutas contra o acôrdo MEC-USAID, 29.o Congresso da UNE em 1967, as lutas pela entrada de excedentes as manifestações de apôio ao Vietnã, e mais recentemente as mobilizações surgidas a partir do assassinato de um estudante na Guanabra e a participação dos estudantes nas manifestações de 1.o de Maio, assinalam a elevação e extensão constante do movimento estudantil, de suas lutas, a definição de seus objetivos e sua fusão com as lutas dos trabalhadores.

Por outro lado durante todo êste período posterior ao golpe o govêrno militar não conseguiu organizar nenhum movimento com bases sociais no estudantado, nenhuma mobilização de estudantes em seu apôio. Desde o fracasso d atentativa de impor uma estrutura de entidades submetidas ao Ministério da Educação (Lei Suplicy), nenhuma organização vinculada ao govêrno encontrou eco no estudantado. Nem o grupo Decisão (lacerdista) nem a FTP (Familia, Tradição & Propriedade), nem o MUDES (Movimento Universitário par ao Desenvolvimento Econômico e Social), nenhum dêles conseguiu ganhar a simpatia dos Estudantes, atrair e mobilizar setores importantes.

Isto é uma expressão clara da incapacidade social do govêrno e do regime de exploração que representa. Não conseguiu apresentar nenhum plano de desenvolvimento soluções concretas para os problemas; nenhum plano, nenhuma perspectiva, nenhuma ação que conseguisse sensibilizar e arrastar o estudantado. Ao contrário, por sua iniciativa tomou apenas medidas contra a população, como o arrôcho salasial e a extinção da garantia de emprêgo liquidando a estabilidade por tempo de trabalho, e também o cerceamento das liberdades democráticas, intervindo nos sindicatos, impedindo as lutas dos trabalhadores por melhores condições de vida. As concessões que o govêrno foi obrigado a fazer neste período, como os aumentos salariais, fôram impostas pelas lutas sindicais, não foram iniciativa do govêrno. O estudantado vê isso, mesmo quando não compreende precisamente, sente que os planos e as perspectivas do govêrno são contra os interêsses da maioria da população, as massas trabalhadoras. Esta conclusão é a base para entender porque o govêrno não conseguiu bases sociais de apôio no estudantado, e também para compreender as intenções reais do Projeto Rondon.

Através dêsse Projeto o govêrno persegue os mesmos objetivos ganhar a simpatia da populção, mas principalmente para a classe média e o estudantado, busca ganhar pontos de apôio, através de um movimento de opinião pública que mostre o govêrno empenhado em resolver os problemas sociais, em melhorar as condições miseráveis de vida da população, que mostre uma imagem progressista do govêrno para dissimular sua verdadeira política de exploração dos trabalhadores. E é obrigado a fazê-lo de forma indireta, sem dizer: apoiamos o govêrno. Por isso o faz através do Exército.

E ao mesmo tempo êsse projeto procura se apoiar sôbre a vontade dos estudantes de intervirem na solução dos problemas sociais de um país subdesenvolvido, de colocarem-se em contacto com os setores da população submetidos às condições sub-humanas de vida. Esta vontade de participar, de trabalhar por melhores condições de vida para a população, tem se expressado em atividades como o MOVE (alfabetização pelo método Paulo Freire), o MUD (movimento de desfavelamento); a Operação Ubatuba, a própria Bandeira Científica da FMUSP, atividades de pesquisas médico-sociais, etc. E é êste mesmo sentimento e desejo de intervir que se expressa de forma mais elevada e consciente nas mobilizações estudantis, nas lutas do movimento estudantil. O govêrno, a minoria detentora do poder, vê claramente, sente que, embora os estudantes em si não tenham fôrça social capaz de abalar o regime, as lutas estudantis refletem um sentimento generalizado de descontentamento, de revolta da maioria da população; e ao mesmo tempo são fatores de estímulo para as lutas da população. É um processo que ocorre mundialmente, no Brasil, no México, no Peru, Equador, Venezuela, Argentina, na Itália, Espanha, Alemanha, Suécia, Estados Unidos, e hoje de forma mais elevada na França.

Por isso a declaração do Idealizador do Projeto, o professor Choeri, de que "os estudantes brasileiros podem também salvar vidas e não apenas fazer greves" e o Conceito da Escola Superior de Guerra de que Segurança Nacional não são apenas as fôrças armadas mas também a simpatia e acolhida na população são demonstrações claras e terminantes dos objetivos dêstes Projeto.

É necessário denunciarmos ao estudantado e à população êstes objetivos retrógrados do Projeto Rondon. Mas esta campanha contra a Operação Rondon simplesmente, é uma atitude defensiva, não é suficiente. É necessário ao mesmo tempo apresentar-mos uma alternativa ao conjunto dos estudantes. Não participar da operação boicotá-la, mas como alternativa, fazer o que? Isto implica na necessidade de discutirmos qual a forma mais completa e mais consequente dos estudantes intervirem, serem incorporados, na resolução dos problemas sociais, de contribuirem de forma imediata para a melhoria das condições de vida, de saúde, da população. É necessário qde os movimentos de alfabetização, de desfavelamento, de pesquisas médico-sociais, discutam isso: quais as formas concretas dos estudantes — não apenas conhecerem a realidade, tomarem conciência das contradições sociais — mas intervirem na resolução dos problemas.

A melhoria das condições de vida dos setores explorados da população não tem sido iniciativa do govêrno nem pode sêr. Tem sido consequência e resultado das lutas, das greves que os trabalhadores têm feito. Por exemplo, o movimento intersindical antiarrocho contra a política econômica do govêrno. É exclusivamente através das lutas sindicas que se dá hoje a melhora das condições de vida da população. E a forma de participar nesse processo é aliar-se a êsses setores explorados da população, apoiar suas lutas por melhores condições de vida, defender liberdade de se organizarem livremente para lutar por melhores salários, contra o desemprêgo, etc. Lutar pela estatização e gratuidade do ensino em todos os níveis e bolsas para os estudantes pobres, contra o Acôrdo MEC-USAID, cujo objetivo é a extinção do ensino estatal gratuito. Esta é a alternativa a opor ao embuste do Projeto Rondon, e a forma de concretiza-la é a participação no movimento estudantil, lutar por seu programa.

primo

Sobre Uma Deposição

Devido à publicação no número anterior do artigo "1.o de Maio Sensacional", a Congregação de Alunos resolveu destituir da diretoria do "Bisturi" o seu autor, o colega Waldemir. Os motigos alegados pela Congregação para tal attitude foram que o artigo, não assinado, levou o jornal a uma posição sectarista além de insinuar a existência de duas UEES, quando o CAOC reconhece apenas uma, a chapa Nova UEE. Assim, o "Bisturi", órgão oficial do CAOC, não poderia assumir posições contrárias ao Centro Acadêmico
a redação

O artigo que motivou a expulsão do diretor foi o de 1.o de maio, mais particularmente o trecho deste, que trata da participação do Movimento Estudantil na manifestação. Naquela reportagem teceram-se criticas quanto à preparação e a atuação da Nova UEE no 1.o de maio. A reportagem não saiu assinada sendo portanto da responsabilidade da redação. A Congregação julgou que a reportagem ia contra a posição oficial do CAOC e era de cunho sectarista. Consequencia: o diretor foi expulso.

Examinando o referido artigo, veremos que ele não fala, nem insinua, a existencia de duas UEEs, mas encerra apenas uma critica a atuação da Nova-UEE. E não saiu assinada, pois, só porque reconhece-se oficial uma certa UEE, ela não pode ser criticada? Acreça-se que as criticas são verdadeiras e não pichações subjetivas e qualquer pessoa que tenha participado do 1.o de maio pode confirmá-las.

Apesar de tudo, a deposição ocorreu. Ficou patente seu carater golpista e mais uma vez caracterizou o cupulismo, traduzido no medo de que o jornal veiculasse noticias de linha diferente daquela que segue a Congregação.

Situações desse tipo só vão deixar de existir quando toda escola participar do Centro Academico. Sim, pois aí os alunos terão condições de eleger uma Congregação que realmente os represente; comparecerão às assembléias; os artigos não serão mais a opinião de uma só pessoa. E como chegar a isso?

A turma deve se organizar para resolver seus problemas de curriculos; deve exigir que os departamentos promovam atividades do seu interesse. A formação de grupos de trabalho é a unica maneira de se discutir os assuntos e tomar posição; uma posição assim tirada em grupo, é a base de todo funcionamento do CAOC. É a passagem do movimento cupulista para o movimento de base.

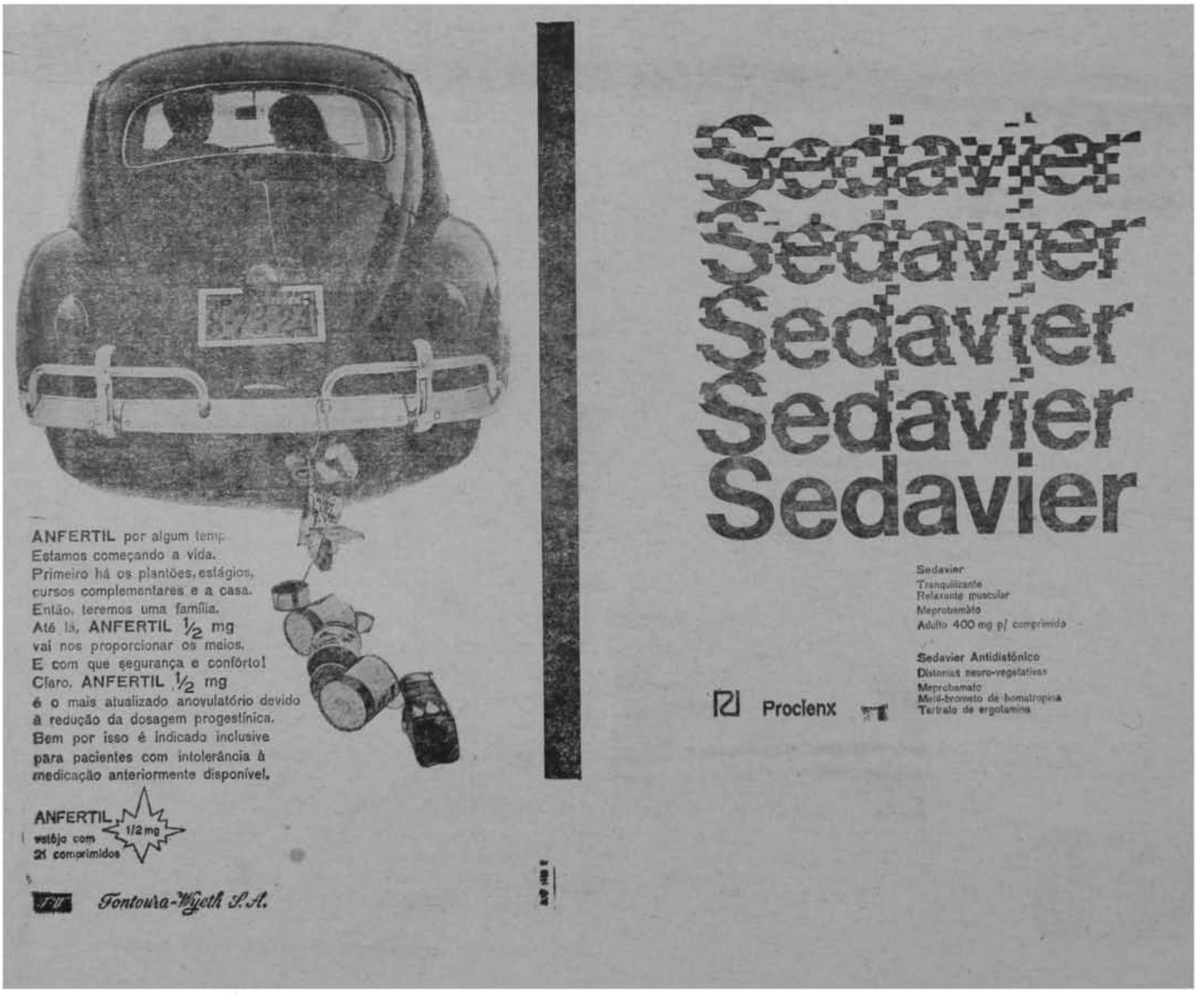
O caso do Bisturi, que culminou com a exoneração de seu diretor, não é nada de excepcional. É simplesmente fruto de todo um processo pelo qual o CAOC vem passando. A pratica constante de uma politica de cupula transformou aquele CAOC, centro das atividades universitárias de São Paulo, há alguns anos, no CAOC alienado de hoje. Todo mundo anda marginalizado dos problemas, até mesmo dos que os afetam mais diretamente, quais sejam, os curriculares. Raramente uma assembléia dá quorum.

Quando diretor do O BISTURI, incorremos no mesmo êrro, de ter uma pratica cupulista, desligada da realidade da escola. Isso se fez sentir notadamente no 1.o numero; no 2.o numero, já cientes, pela experiencia anterior, de que um jornal naqueles moldes serviria para afugentar ainda os membros do CAOC, tentamos fazer algo melhor. Mas, ainda não existiam condições concretas para se fazer um jornal de base; embora tentassemos levar posições assumidas pela maioria das bases, em duas ocasiões — passeatas e 1.o de maio — essas posições ainda foram escritas por uma pessoa (o diretor) e não por um grupo que discutiu e colocou ali sua posição.

A situação em que se encontra o CAOC, reflete-se em todos os setores de suas atividades. Assim é que um problema importante, como o da existencia de duas UEEs, não teve a minima repercussão; as assembléias para tomada de posição não deram quorum e a decisão passou para a Congregação de alunos, um orgão que no meio de tanta politica de cupula, só poderia ser cupulista, composto de representantes que não expressam a real posição das bases, simplesmente porque as bases não tem posição.

A posição tirada em Congregação foi de apoio à UEE do Dirceu — Nova UEE.

waldemir



PAULI

Mais uma Pauli x Med foi concluida. Não importa quem tenha ganho; Não importam os resultados, não importa os azes, e craques de cada escola. Vale, isto sim, o espírito de alegre de competir, por competir. Compensa o entrosamento e a participação de tôda uma escola esquecendo momentâneamente as lutas, a vida, os problemas, para uma maior união e um melhor congrassamento de todos os estudantes.

MED

SEMANA DA

POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVÈRNO

3 a 10 de Junho

U E E — SP